

Universidade Federal de Ouro Preto
Departamento de Artes Cênicas



HENRIQUE LUCHIARI MAXIMO DINIZ

ENTRE ESPAÇOS E FIGURAS OCAS:
UMA RELEITURA DE “A MANSÃO HOLLOW”

OURO PRETO - MG
2025

Universidade Federal de Ouro Preto
Departamento de Artes Cênicas

HENRIQUE LUCHIARI MAXIMO DINIZ

**ENTRE ESPAÇOS E FIGURAS OCAS:
UMA RELEITURA DE “A MANSÃO HOLLOW”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas. Habilitação: Direção Teatral.

Orientadora: Prof^ª Dra. Bruna Christófaros Matosinhos

OURO PRETO - MG
2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES



FOLHA DE APROVAÇÃO

Henrique Luchiari Máximo Diniz

Entre espaço e figuras ocas: Uma releitura de "A mansão Hollow"

Monografia apresentada ao Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Direção Teatral

Aprovada em 26 de março de 2025

Membros da banca

Profa. Dra. Bruna Christófaros Matosinhos - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes - Universidade Federal de Ouro Preto - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Bruna Christófaros Matosinhos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/05/2025



Documento assinado eletronicamente por **Bruna Christofaro Matosinhos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/05/2025, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0917181** e o código CRC **4C14580D**.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a vida e obra de Agatha Christie e seu impacto na literatura e no teatro do gênero policial, se apoiando na biografia da autora por Janet Morgan (1984) e análises de suas obras e das histórias de detetive que marcaram o início do século XX. Trago também uma análise da obra *A Mansão Hollow*, usando como base o estudo de Jean Pierre Chauvin (2016) sobre a mesma, uma vez que a segunda etapa deste Trabalho de Conclusão de Curso visa adaptar a dramaturgia de Christie. O processo criativo para a encenação da adaptação da referida peça também foi descrito no trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Agatha Christie, Romance policial, Adaptação, Direção teatral, *A Mansão Hollow*.

ABSTRACT

This research analyzes the life and work of Agatha Christie and her impact on the literature and theater of the detective genre, based on her biography by Janet Morgan (1984) and studies of her works and the detective stories that marked the beginning of the 20th century. I also make use of Jean Pierre Chauvin's (2016) study on *The Hollow*, since the second stage of this Bachelor Degree on Scenic Arts in Directing aims to adapt Christie's dramaturgy. The creative process for the adaptation of the referred play is also described here.

KEYWORDS: Agatha Christie, Crime fiction, Adaptation, Theatre Direction, *The Hollow*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Experimento realizado na disciplina <i>Direção IV</i>	18
Figuras 2 e 3 - Experimentos realizados durante o processo de encenação	19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
AGATHA CHRISTIE E OS ROMANCES POLICIAIS	8
OS OCOS CORREDORES DA MANSÃO HOLLOW	12
O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: INFLUÊNCIAS E DESENVOLVIMENTO	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20
APÊNDICE A - DRAMATURGIA ADAPTADA	22

INTRODUÇÃO

Poucos autores tiveram o impacto e reconhecimento que Agatha Christie teve, tanto em vida quanto na morte. Sua influência na literatura policial é reconhecida pela crítica e por milhões de leitores ao redor do mundo, cujas histórias são lembradas por sua engenhosidade e personagens marcantes. Seu trabalho não se limitou somente ao âmbito literário, tendo participado ativamente da produção de peças teatrais baseadas em suas obras, bem como autorizado adaptações para o cinema e outras mídias.

No Manifesto Antropofágo, de 1928, Oswald de Andrade propunha uma reflexão sobre a dependência cultural brasileira e que deveríamos “devorar” as culturas e técnicas importadas de outros países, para que dessa forma pudéssemos reelaborá-las e criar nossas próprias obras, com a nossa identidade. Diante desta perspectiva, o presente estudo busca explorar a obra de Christie e propor uma releitura de sua obra *A Mansão Hollow*, inserindo-a no contexto contemporâneo brasileiro e não limitando-a à uma simples transposição midiática.

Em seus livros, a escritora explora determinados aspectos do cotidiano britânico, como questões de classe ou o preconceito com estrangeiros e, portanto, são “uma fonte rica para historiadores sociais” (KYZLINKOVÁ. 1997). Desta forma, pode-se dizer que o que foi realizado neste processo é um recorte (enviesado nas vivências do autor desta pesquisa) de elementos culturais de uma realidade brasileira, da mesma forma que Christie fazia em suas obras: com suas sutilezas, complementares à trama, mas sem desviarem do fio narrativo principal.

Esta pesquisa teórico-prática se divide em três partes: uma análise sobre a vida de Agatha Christie, e sua contribuição para a literatura policial a partir dos autores: Janet Morgan, Charles Osborne e Lidia Kyzlinková; um estudo da obra *A Mansão Hollow*, aprofundando-se em seus personagens principais e nos temas abordados por ela, a partir da própria peça, e das análises de Jean Pierre Chauvin; e, por fim, encerramos com um relato crítico sobre o processo criativo na construção do novo espetáculo, desde sua concepção até a montagem final da adaptação.

AGATHA CHRISTIE E OS ROMANCES POLICIAIS

Nesta etapa do artigo, trazemos informações sobre a vida de Agatha Christie, desde seu nascimento ao auge de sua carreira como uma das escritoras mais importantes de seu tempo (Morgan, 1984). Outro aspecto abordado é o gênero de romances policiais, seu surgimento no século XIX e suas principais características, presentes nas obras de Christie. São utilizados, neste capítulo, sua autobiografia (1977) e a biografia escrita por Janet Morgan (1984) como principais fontes desta pesquisa.

Autora de mais de 80 romances, contos e peças de teatro produzidos ao longo de seis décadas, Agatha Christie¹ tornou-se reconhecida internacionalmente como “uma das pessoas mais influentes da literatura recente” (FIGUEIREDO, 2022), além de superar qualquer autor em número de obras distribuídas pelo mundo todo. Ao longo dos séculos XX e XXI, suas obras, juntas, venderam cerca de quatro bilhões de cópias, ficando atrás apenas de Shakespeare e da Bíblia em números de obras vendidas (MORGAN, 1984).

De acordo com suas biografias, a infância da autora reflete a situação econômica de sua família, marcada por viagens pela Europa. Seus irmãos, Madge e Monty, quase uma década mais velhos que ela, tiveram uma educação formal e Agatha receberia uma educação particular em casa mais tarde, mas aprendeu a ler, sozinha, aos 4 anos, pois o interesse de Agatha pela leitura de livros infantis e poesias surgiu muito cedo em sua vida.

Uma de suas poucas atividades sociais durante sua infância era participar de grupos de teatro infantis e, aos 10 anos de idade, no ano de 1901, escreveu seu primeiro poema, “*The cow slip*”. Mais tarde, no mesmo ano, seu pai faleceu, o que ela disse ter sido o “fim de sua infância” (MORGAN, 1984). A partir de então, ela passou a viajar para vários lugares do mundo ao lado de sua mãe, a quem era muito próxima e herdou boa parte de sua personalidade.

Agatha escreveu seus primeiros contos aos 18 anos, que foram enviados para revistas mas acabaram não sendo publicados. Ela assinava seus contos com pseudônimos masculinos, uma prática comum às escritoras da época que muitas vezes tinham seus trabalhos rejeitados. Aos 19, escreveu seu primeiro romance, que também acabou não sendo publicado.

Em outubro de 1912, Agatha conheceu o Coronel Archibald Christie, de quem ficou noiva do mesmo no início do ano seguinte. Ambos se casaram em 1914, quando o oficial

¹ Agatha Mary Clarissa Miller (nome de batismo) nasceu em Torquay, Reino Unido, no dia 15 de setembro de 1890. Agatha foi a terceira criança do casal Frederick Alvah Miller e Clarissa “Clara” Margaret. Seus pais eram, formalmente, irmãos, embora sem parentesco biológico, uma vez que Clara fora adotada pelos pais de Frederick quando criança.

estava de folga, pois havia sido enviado à França para lutar na Grande Guerra. Durante a guerra, Christie trabalhou como enfermeira voluntária e acabou tratando diversos soldados belgas, fato que acabou inspirando a criar o protagonista de seu primeiro romance policial: Hercule Poirot. Com o tempo, Hercule Poirot se tornou um de seus personagens mais famosos e recorrentes em suas obras.

Além disso, em 1917, a autora se classificou como assistente farmacêutica; e sua experiência ao manipular e estudar diversos venenos também influenciou a forma como muitos dos assassinatos em seus livros aconteciam, em sua maioria por envenenamento. Suas obras possuem um retrato bastante realista e detalhado dos sintomas de diversas substâncias, ao ponto de detetives e médicos, mais de um vez, terem dito reconhecer um envenenamento na vida real por conta das descrições feitas por Christie.

O Misterioso Caso de Styles foi seu primeiro romance de detetive, escrito em 1916, mas publicado somente quatro anos depois. Após sua publicação, Agatha Christie se tornou alvo de constante demanda por novos livros e contos. Ela publicou outras seis obras (sendo uma delas um compilado de 11 contos) até o ano de 1926, quando passou por uma fase turbulenta de sua vida².

Com o divórcio concluído em 1928, Christie decidiu manter o sobrenome do ex-marido por já ser uma autora conhecida e realizou uma das viagens que mudaram sua vida, no Expresso Oriente. A linha de trem, que ligava Paris a Constantinopla (atual Istambul), serviu de inspiração para uma de suas maiores histórias: *Assassinato no Expresso do Oriente*³.

Seus romances fazem parte de um movimento literário que teve início com Edgar Allan Poe, em 1841, e viveu o que foi considerado como a Era de Ouro⁴ das histórias de detetive no período entre guerras, no início do século XX. Christie foi uma das autoras mais prominentes da época e uma das primeiras Rainhas do Crime⁵ da Inglaterra ou, como ela

² Neste ano, a autora passou pelo o que foi chamado de “colapso nervoso” na época, fruto de uma série de acontecimentos em sua vida (falecimento de sua mãe, trabalho em excesso e o pedido de divórcio de seu marido). Agatha desapareceu por onze dias, o que acabou movimentando as autoridades em uma enorme busca sobre seu paradeiro. O caso gerou uma repercussão nacional e quando foi encontrada, Christie não tinha memória dos últimos dias. A visão geral do público foi negativa, gerando acusações de que fosse apenas um golpe de publicidade.

³ Na época, o Iraque era um protetorado britânico, logo, recebia muitas expedições de arqueólogos ingleses. Em 1930, Agatha visitou um sítio arqueológico no país, onde conheceu Max Mallowan, que veio a se tornar seu marido sete meses depois. As diversas viagens do casal pelo Oriente Médio inspiraram outras grandes histórias como *Morte no Nilo* e *Morte na Mesopotâmia*.

⁴ A Era de Ouro dos romances policiais foi o período entre os anos 20 e 30 do século XX, em que o gênero era um dos mais predominantes do campo literário, com padrões e estilos semelhantes de histórias (HAVLÍČKOVÁ, 2005).

⁵ Diante do sucesso de seus romances de detetive, Agatha Christie foi popularmente conhecida como Rainha do Crime entre seus leitores e críticos de suas obras (MORGAN, 1984).

gostava de ser chamada, a Duquesa da Morte. O estilo foi tão discutido na época que houveram tentativas de se estabelecer regras das quais os escritores deveriam seguir em suas histórias. Austin R. Freeman foi o primeiro que se aventurou na tentativa de elaborar tais normas, seguido de S. S. Van Dine, que publicou um livro sobre o assunto. Contudo, Ronald Knox formulou as leis mais famosas em *Detective Story Decalogue* (1929).

Houve muitos debates entre estes autores na época a respeito das histórias de detetive até a fundação de uma união profissional de escritores, cujo intuito era de “proteger e explorar as fórmulas e práticas dos escritores policiais” (HAVLÍČKOVÁ, 2005). Discussões sobre a figura do detetive, o tipo de crime a ser investigado e o criminoso eram as que se destacavam.

Segundo as convenções aceitas pela maioria, o detetive deveria ser “um personagem de realizações elevadas e fascinantes – um homem ao mesmo tempo humano e incomum, colorido e talentoso” (SYMONS, 2005). O personagem deveria ser introduzido no início da história, não deveria ser responsável pelo crime e não poderia interferir a todo momento, apenas em momentos-chaves da trama. Christie não fugiu muito destas regras, embora Poirot e a adorável Mrs. Marple, seus detetives mais famosos, sejam o oposto da figura do homem austero e britânico.

Quanto aos crimes investigados, era um consenso geral que deveria ser um assassinato, enquanto que o autor do crime não poderia ser um profissional. Também não poderia ser um dos servos, visto que muitas destas histórias eram ambientadas em meio a aristocracia do Reino Unido e, portanto, seriam consideradas soluções fáceis para o caso. O “por quê?”, “quem?” e “como?” eram (e permanecem) elementos vitais na maioria das ficções policiais.

Assassinatos eram cometidos nas histórias, porém a violência em si não acontecia diante do leitor e ninguém se machucava ao final. Isso porque, dado o contexto entre guerras que a Europa vivia durante a Era de Ouro, dava às pessoas uma sensação de alívio após os horrores da Primeira Guerra Mundial. A transformação do herói pré-guerra em um detetive mais humano foi outro motivo que tornou o gênero popular.

Agatha Christie era famosa por desviar os leitores através de pistas falsas, diálogos e implicações inúteis que guiavam o leitor para um caminho enquanto o verdadeiro assassino permanecia fora de suspeitas. Suas técnicas impressionaram e cativaram muitos ao longo dos anos e, por vezes, a autora quebrava as regras das histórias de detetive, fato que a fez ser criticada por escritores e leitores mais puristas.

Um exemplo disso está no livro *O Assassinato de Roger Ackroyd*. Na trama, descobrimos ao final que o assassino era o médico que servia como uma espécie de Watson (das histórias de Sherlock Holmes) de Poirot e narrador da história⁶. Este fato contraria uma das principais regras estabelecidas por Knox, que dizia que “[o Watson] não deve esconder quaisquer pensamentos que passam por sua mente [...]” (KNOX, 1929).

Além do ambiente aristocrático britânico presente na maioria de suas obras, suas personagens consistem em coronéis aposentados, médicos, secretárias, enfermeiras, mordomos e empregadas de uma família abastada. O criminoso não passa de uma pessoa comum, logo, ele pode ser qualquer um. Geralmente aqueles que menos desconfiamos, enquanto que os deviantes e as figuras mais óbvias, normalmente, são pistas falsas. Outra característica de seus romances são as intrigas familiares que normalmente giram em torno de disputas por heranças e personagens cometendo adultério, o que acabam sendo elementos que aumentam as suspeitas do leitor.

Embora suas obras sigam uma fórmula aprimorada pela autora dos romances policiais, por vezes ela acaba surpreendendo a todos com o desfecho de algumas de suas histórias, especialmente aquelas que foram adaptadas ao teatro. *A Mansão Hollow*, obra a ser adaptada a partir desta pesquisa, se desenrola de maneira não convencional aos padrões da época, com o detetive sendo introduzido muito mais tarde na trama e não no início, além de sua participação ser consideravelmente reduzida em sua adaptação ao teatro.

O sucesso e qualidade de suas obras não parecem estar ligados somente à construção brilhante de uma trama complexa, ou de análises profundas da psique humana, tampouco na precisão de suas descrições científicas. Seu reconhecimento como uma das maiores do gênero reside na forma como o mistério se desenrolava em suas tramas, nas personagens notoriamente ambíguas - o que reforça a ideia de que qualquer um pode ser o assassino - e, claro, em seus grandes detetives que, na maioria de suas obras, são os fios condutores que deixam o leitor completamente engajado na história. “As sensações e as crenças que Agatha revelava em sua escrita (e apenas nela) eram genuínas e fortes. Isso, além do fato de sua obra lidar com temas familiares e universais, explica o sucesso de seus livros e de suas peças” (MORGAN, 1984).

Agatha foi convidada para a Sociedade Real de Literatura após a Segunda Guerra Mundial, tornou-se Dama da Ordem do Império Britânico em 1971, além de outras

⁶ Nas histórias de Sherlock Holmes, o personagem de John Watson serve como coadjuvante e assistente do detetive, além de ser o escritor dos casos (em uma brincadeira metalinguística do autor dos livros, Sir Arthur Conan Doyle). Por conta disso, nenhum dos pensamentos do personagem eram ocultados ao leitor.

homenagens e títulos honorários (OSBORNE, 1979). A autora também se utilizou do pseudônimo Mary Westmacott entre os anos de 1930 e 1956, para poder explorar outros estilos literários além do gênero que estava acostumada.

Em 1952, a peça *A Ratoeira* começa a ser encenada no cenário teatral mais prestigiado do país e se tornou uma das obras de maior sucesso da autora. Atualmente, é considerada a “mais longa peça em cena da história” (FIGUEIREDO, 2022), com mais de 25 mil apresentações desde que estreou, tendo sua exibição interrompida somente devido a pandemia de COVID-19.

Sua última obra foi publicada em 1973 e, aos 85 anos de idade, Agatha Christie faleceu no dia 12 de Janeiro de 1976, em Winterbrook, Reino Unido. Em vida, vendeu mais de 300 milhões de cópias e sua obra foi posteriormente administrada pela sua filha, Rosalind Hicks (MORGAN, 1984).

A seguir, trago uma análise sobre a obra *A Mansão Hollow*, que será adaptada a partir desta pesquisa na etapa prática deste trabalho de conclusão de curso.

OS OCOS CORREDORES DA MANSÃO HOLLOW

Na segunda parte deste artigo, destacamos o livro e a peça de teatro *A Mansão Hollow*, que servirão de base para a dramaturgia a ser adaptada. Além das biografias mencionadas no capítulo anterior, nos apoiamos, principalmente, na análise do romance feita por Jean Pierre Chauvin⁷ para tecer nossas conclusões e comentários a respeito da obra.

The Hollow, romance originalmente publicado em 1946 na Inglaterra, chegou ao Brasil no ano de 1976 com o nome *A Mansão Hollow*. Ao contrário de outras traduções, a versão brasileira manteve parte do nome original e optou por adicionar “mansão” ao título. Segundo a análise de Jean Pierre Chauvin, esta alteração “pode ter comprometido uma melhor apreensão do significado pretendido pela autora de representar uma casa oca, vazia: residência em que prevalece a dimensão do falso” (CHAUVIN, 2016).

O romance é um típico mistério situado em uma casa de campo de uma família abastada, os Angkatell. Assim como outros livros de Christie, a trama é bem elaborada, porém o mistério em si e o desenrolar do enredo se mostram menos complexos que outras de suas obras mais aclamadas. Em *The Hollow*, a autora foi contra algumas das convenções a respeito das histórias de detetive, priorizando mais o estudo de personagens no lugar de construir um enigma, aparentemente, indecifrável.

⁷ Pesquisador de Pós-Doutorado no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH/USP), atualmente é coordenador do curso de Letras da Faculdade Diadema.

Na história, Sir Henry e Lady Lucy Angkatell convidam seus amigos John e Gerda Christow e alguns de seus familiares para um final de semana em sua casa de campo, a mansão que dá nome ao romance. John é um médico carismático e reconhecido de Londres que secretamente tem um caso com Henrietta Savernake, prima do casal Angkatell. Enquanto Gerda se mostra uma personagem indecisa, submissa ao marido e subestimada por todos os outros personagens, Henrietta é o oposto. Segura de si e independente, trabalha como escultora, o que acaba sendo uma metáfora para como ela remodela as pessoas ao seu redor.

Outros personagens compõem o elenco da obra, dentre eles: Edward Angkatell, primo do casal anfitrião e proprietário de Ainswick, a sede da família Angkatell; Midge Hardcastle, prima de Lucy, mas não rica como ela e apaixonada por Edward; David Angkatell, estudante, anti-social e progressista; Veronica Cray, famosa atriz de Hollywood e antigo amor de John, vizinha dos Angkatell; Gudgeon, o mordomo da mansão e muito protetor de sua patroa, Lady Angkatell; Doris, a empregada doméstica; e Hercule Poirot, famoso detetive belga que havia alugado um chalé nas redondezas da mansão e, por isso, foi convidado por Lucy para almoçar com a família no domingo. O livro ainda conta com a presença de outros personagens, contudo aqui estão destacados aqueles cuja importância na história é mais significativa.

Com exceção de Poirot, que aparece pela primeira vez somente no capítulo onze, todos os personagens são introduzidos logo no início da história. Suas relações, afinidades e atritos, estabelecidos. O cenário para o crime está pronto. E ele, enfim, é consumado na manhã de domingo: John Christow é morto por um tiro na área da piscina da mansão. Não demora para que os outros cheguem para testemunhar seus últimos momentos de vida, inclusive o detetive, que a princípio acredita se tratar de uma piada de mau gosto e tipicamente inglesa (OSBORNE, 1979).

A Mansão Hollow não é um romance policial convencional, como evidenciado acima. Ao passar o primeiro terço do livro apresentando os personagens e situando-os em um simples contexto de férias entre família e amigos, a autora explora as motivações e a psique daquelas pessoas (especialmente de suas protagonistas). No caso, os Christow, Henrietta e Lucy, ao contrário do detetive que atua como coadjuvante na trama.

John, que nos é apresentado como a figura de um homem perfeito, é um médico carismático e de grande sucesso, porém se demonstra exigente demais com a esposa, Gerda, e consigo mesmo. Sua personalidade é a de um homem claramente narcisista, mas que esconde uma série de inseguranças por trás de uma cortina de mentiras que conta para si e para os outros. Seu narcisismo é proporcional ao altruísmo de sua esposa, cujas ações são pautadas

para agradar ao marido a todo momento (CHAUVIN, 2016). Ele, porém, está sempre insatisfeito:

Pobre Gerda, pensou, ela aguenta muita coisa. Se ao menos não fosse tão submissa — tão pronta a admitir seu erro quando, na metade das vezes, era ele o culpado! Havia dias em que tudo o que Gerda falava ou fazia servia apenas para irritá-lo e, principalmente, pensou com tristeza, eram suas virtudes que o irritavam. Era sua paciência, sua abnegação, a subordinação de seus desejos aos dele, que alimentavam esse mau humor. E ela nunca se ressentia das explosões de seu temperamento, nunca se agarrava à sua própria opinião, nunca tentava impor uma conduta própria. (CHRISTIE, 2022, P. 33-34)

Gerda Christow talvez seja a personagem mais complexa da história. Sua trajetória no romance é um dos focos da autora, assim como o desenvolvimento de sua personalidade. Assim que a conhecemos, ela se mostra uma pessoa muito bondosa e inocente, que tenta agradar o marido a todo custo, a ponto de se submeter às suas vontades. Não bastasse a forma como é tratada por John, dentro e fora de casa, Gerda é subestimada e diminuída por todos, que a veem como alguém menor, lenta e patética. Essa percepção externa é exposta logo nas primeiras páginas:

— Bem, John e Gerda. Até aí, nada de mais. Quer dizer, John é encantador — muito agradável. E quanto à pobre Gerda — bem, quer dizer, devemos ser todos muito bondosos. Muito, muito bondosos.

Movida por um obscuro instinto de defesa, Midge disse:

— Oh, deixe disso, ela não é tão inútil assim.

— Oh, querida, ela é patética. Aqueles olhos. E nunca parece entender uma única palavra do que se diz.

— E não entende — apartou Midge. (CHRISTIE, 2022, p. 12)

Ao passar os primeiros capítulos aprofundando a personagem, Agatha Christie permite que o leitor sinta sua angústia e crie empatia para com ela. O uso do discurso indireto livre em determinados momentos do romance é um recurso que a autora utiliza para expor os pensamentos de Gerda, facilitando essa conexão. “Gerda não fora feliz na escola. Sentira-se muito mais insegura do que em qualquer outro lugar. Em casa era melhor. Mas mesmo em casa não era muito bom” (CHRISTIE, 2022, p. 53) A forma do discurso é muito bem utilizada na história, mesmo que apenas de forma que lhe é conveniente, pois ele não evidencia em nenhum momento a verdade sobre a morte de John. Algo que é totalmente

justificado, visto que descobrimos ao final que quem o assassinou fora, justamente, sua esposa.

Henrietta é o perfeito contraponto de Gerda: segura, determinada e independente, sua presença é sentida por todos. Até descobrirmos a identidade do assassino, uma serve como antítese da outra, embora em nenhum momento elas demonstrem não se gostar, mas o contrário. É Henrietta, inclusive, que se mantém ao lado de Gerda durante o romance e age como sua cúmplice, tentando protegê-la da investigação (alegando que o fez pois entendera as últimas palavras de John como um pedido para que a poupasse). E mesmo depois de revelada a culpada, elas ainda são bem diferentes entre si, visto que uma expressa a maioria de seus sentimentos enquanto a outra os reprime a todo momento. É curioso, entretanto, que as características da esposa que mais irritavam John eram as mesmas que desejava em sua amante (CHRISTIE, 2022).

O arquétipo da mulher submissa ao marido é um tema recorrente em suas obras, que estão recheadas de mulheres independentes e corajosas. Através de suas personagens, Christie levantava debates relevantes e contemporâneos de seu tempo, tais quais a emancipação feminina e o papel da mulher na sociedade (CHAUVIN, 2016). É muito comum encontrarmos em suas obras figuras femininas marcantes e que estão ligadas diretamente ao mistério em questão, sejam como principais suspeitas, desafios para os detetives ou até as próprias assassinas.

Retornando à questão do título da obra, citada no começo do capítulo, podemos observar que o problema percebido por Chauvin (2016), talvez não esteja apenas na inclusão da palavra “mansão”, mas na não tradução da palavra “hollow”. O adjetivo, utilizado como nome da moradia, significa “vazio”, “oco”, “sem valor” e, analisando a obra, fica clara a percepção do detetive e de Henrietta ao concluir a falta de vida de todas as personagens presentes na trama:

— Este lugar — a própria Mansão Hollow! Cheguei quase a ver antes... no sábado, quando Edward e eu subimos até o alto. Um eco de Ainswick. E é isso o que somos, nós, os Angkatell. Ecos! Não somos reais... não da forma como John era real. — Ela se voltou para Poirot. — Gostaria que o senhor o tivesse conhecido, Monsieur Poirot. Todos nós somos sombras, comparados a John. John era realmente vivo.

— Percebi isso quando ele estava morrendo, mademoiselle.

— Eu sei. Dava para sentir... E John está morto, e nós, os ecos, vivos... Parece... parece uma piada de mau gosto. (CHRISTIE, 2022, p. 201)

Diante do exposto, optou-se pela tradução completa do título do espetáculo na nova encenação, resgatando o significado proposto pela autora: “*A Mansão Oca*”. A palavra “oca” foi escolhida pela sua relação com a palavra “eco”, tanto na sonoridade e estrutura fonética, como em conceito. O eco ocorre em espaços ociosos e ambos são relacionados à ideia de vazio, sem substância.

Em um processo de adaptação de uma obra de um meio para o outro (no caso, um romance para o teatro), é inevitável a alteração de determinados elementos. Em muitos casos, quando o autor original é participante ativo destes processos, o resultado final pode ser positivo, uma vez que a visão do criador se mantém.

Neste sentido, a adaptação de *A Mansão Hollow* pode ter se beneficiado com o envolvimento de Christie, uma vez que ela conseguiu abordar os principais temas do texto e estruturar um livro de 300 páginas em uma peça de três atos com um único cenário⁸.

Uma das principais adaptações para a peça é percebida com a supressão do epílogo presente no romance, onde acompanhamos as consequências da morte de John na vida de Henrietta e como os eventos da trama a afetaram: o desfecho da peça é muito mais abrupto. Já a identidade do assassino é revelada de maneira semelhante em ambas as versões (em uma conversa entre Gerda e Henrietta) e a solução do crime é descrita pelos detetives, seguindo uma tradição de romances policiais.

É relevante discutir a presença de Poirot no livro e sua substituição por outro detetive, com um papel reduzido, na peça de teatro. Em sua autobiografia, Christie admitiu se arrepender de ter inserido o detetive belga na história, acreditando ter prejudicado o livro ao fazê-lo. Segundo a autora: “Eu estava acostumada a ter Poirot em meus livros e, naturalmente, ele também figurou nesse romance, mas acho que foi errado. Ele saiu-se bem, mas penso que, como livro, teria sido bem melhor se ele não tivesse aparecido” (CHRISTIE, 1977, p. 741).

Quando escreveu a adaptação de *A Mansão Hollow* para o teatro, Christie optou por não inseri-lo na história e adicionou outro detetive, sem muito destaque na trama. A justificativa para tal decisão é compreensível, visto que a autora priorizou o estudo de personagens no lugar de um mistério complexo.

⁸A peça foi uma de suas primeiras dramaturgias. Teve sua estreia em 1951, dirigida por Hubert Gregg e foi um sucesso na cena teatral londrina, totalizando 11 meses em cartaz e um total de 376 apresentações (OSBORNE, 1979).

Segundo Charles Osborne, a escolha da autora de atenuar a figura de seu extravagante detetive por um detetive mais sério e sem muito destaque foi certa, pois Poirot “teria desviado a atenção de outros personagens” (OSBORNE, 1979). Porém, o diálogo entre Poirot e Henrietta se perdeu na adaptação e, com ele, um debate interessante sobre o tema central presente na obra. Além do momento acrescentar uma maior complexidade à personagem, ele também levanta algumas suspeitas ao leitor sobre a identidade do autor do crime.

Ao elaborar a dramaturgia que será encenada na etapa prática deste TCC, a figura do investigador como um personagem mais relevante foi resgatada, assim como a cena anteriormente mencionada adaptada diretamente do romance. Mais detalhes a respeito da adaptação serão detalhados na seção seguinte.

O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: INFLUÊNCIAS E DESENVOLVIMENTO

A terceira parte deste trabalho traz uma descrição de como a proposta desta pesquisa nasceu e se desenvolveu ao longo da trajetória acadêmica. Este capítulo busca reconstruir o processo criativo que deu origem ao espetáculo, destacando os pontos-chave que ajudaram a formular este estudo.

A ideia de trabalhar com uma obra de Agatha Christie surgiu na disciplina *Direção III*, ministrada pela professora Aline Andrade, onde o gênero policial foi trabalhado pela primeira vez pelo autor desta pesquisa. Na época em questão, filmes que resgatam a essência das obras de Christie, como *Entre Facas e Segredos* (Rian Johnson) e *Veja Como Eles Correm* (Tom George), estavam em alta e foram as referências iniciais.

Desde então, os mesmos temas de mistério e suspense do gênero se mantiveram em outros trabalhos e disciplinas distintas, onde foram realizados diferentes experimentos sonoros, visuais e dramáticos. Apesar de que não fosse a intenção na época, esta pesquisa começou a tomar forma.

Ao final de *Direção IV*, o tema e os elementos a serem trabalhados já eram claros, embora a dramaturgia ainda fosse incerta. No início, o desejo era o de escrever uma história original, mas a ideia foi descartada com o tempo. Um elemento que se manteve presente desde os primeiros trabalhos foi a figura da investigadora: a desbocada detetive Jazz. Ao longo de três períodos acadêmicos e diferentes experimentos cênicos, a personagem transitou entre o detetive *à la* Sherlock Holmes, fria e com traços levemente sociopáticos, até Hercule Poirot, carismática e intuitiva. O resultado foi uma personalidade única e atualizada da figura do detetive do século XIX. Abaixo, um dos experimentos mencionados:



Figura 1 - Experimento realizado na disciplina *Direção IV*. Fonte: Arquivo pessoal (2023)

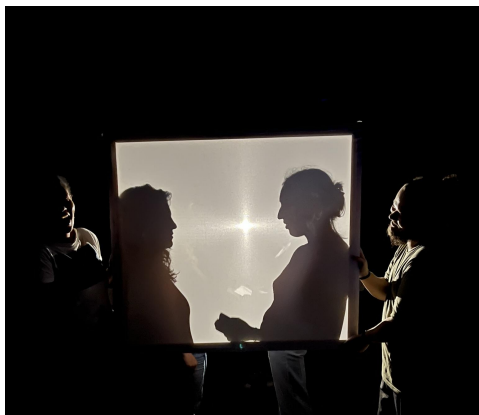
Uma vez que a ideia de desenvolver uma dramaturgia original havia sido descartada, fez-se necessário escolher uma obra do vasto acervo de Agatha Christie. Para isso, foram levadas em consideração: o conhecimento do público em relação à obra, os temas abordados na trama e a viabilidade técnica para uma adaptação teatral. *A Mansão Hollow* foi escolhida por atender aos critérios desejados. Apesar de ter tido sucesso na crítica, a obra não está entre as mais vendidas da autora, além de não possuir nenhuma adaptação de destaque em outras mídias. Os temas de traição, submissão e falsidade, além de universais, são discutidos a partir de personagens complexos e marcantes. Da mesma forma, a estrutura da dramaturgia permitia que o espetáculo todo se passasse em único cenário, facilitando a execução técnica do mesmo.

A adaptação (APÊNDICE A) se baseou tanto na dramaturgia quanto no romance original, seguindo sua estrutura narrativa e contextualizando-a no Brasil contemporâneo. Alguns personagens presentes nas versões anteriores foram removidos, priorizando o conflito principal da trama. Além disso, diante da ambientação proposta no novo texto, os personagens adquiriram características únicas e coerentes à realidade em que foram inseridos. As personalidades da aristocracia inglesa logo se transformaram nos estereótipos da família “tradicional” brasileira, donas de grandes fazendas e um viés político guinado à extrema-direita que se proliferaram nos últimos dez anos. Assim como Christie, o novo texto se utiliza da ironia e da sátira, em segundo plano, para refletir sobre essas figuras.

A etapa seguinte deste processo consistiu de ensaios por um período de 6 meses, nos quais novos elementos surgiram com tempo e experimentação. A construção dos personagens, por exemplo, deu origem a novas características que não estavam presentes no texto. Giuliana (adaptação da personagem Gerda Christow) adquiriu uma voz esganiçada e

uma personalidade mais inocente, contribuindo para os momentos cômicos da peça; Lucia (Lucy Angkatell) se tornou mais ansiosa e seu figurino acabou remetendo à figura das patroas donas de casa das novelas brasileiras; Helena, por sua vez, ganhou uma personalidade ainda mais rebelde e combativa, o que acabou refletindo também na sua identidade visual.

Um elemento importante a se ressaltar que surgiu durante este processo foi a iluminação e o jogo de sombras em cenas chaves da encenação. Visto que se trata de uma história do gênero policial, o objetivo foi criar imagens que remetesse aos filmes *Noir*⁹ cujas histórias, majoritariamente, envolviam investigações criminais. Estes momentos estão presentes no início do espetáculo em que, conforme ouvimos a narração da detetive introduzindo-nos ao caso, vemos sombras projetadas no palco indicando o que está por vir. Outro momento em que o jogo de sombras ocorre é quando o assassinato que movimenta o enredo é consumado. No caso, além de ouvirmos as últimas palavras da vítima, vemos apenas a sua sombra e a arma segurada pelas mãos do assassino. Na cena final em que a detetive revela a solução do crime, também é utilizada uma iluminação para criar silhuetas dos personagens em cena e compor o clímax da trama.



Segue abaixo figuras que ilustram os experimentos com luz realizados ao longo do processo:

Figuras 2 e 3 - Experimentos realizados durante o processo de encenação. Fonte: Arquivo pessoal (2025)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de análises sobre a vida e a obra de Agatha Christie, nos propusemos a investigar seu impacto na literatura e no teatro de gênero policial, debruçando-se na obra *A*

⁹ Gênero cinematográfico dos anos 1940-1950, marcado por estética sombria, como o uso dramático de sombras (*chiaroscuro*) para criar tensão e ambiguidade moral, refletindo conflitos internos e atmosfera fatalista. Influenciado pelo expressionismo alemão, reflete o pessimismo do pós-Segunda Guerra.

Mansão Hollow como objeto de estudo principal. Baseando-se em suas versões literárias e dramáticas, discutimos o processo de adaptação, tanto no âmbito da transposição midiática quanto da narrativa/contexto histórico.

Ao ressignificar elementos da aristocracia britânica dos anos 1920, foram incorporadas na nova dramaturgia características e dinâmicas sociais brasileiras sem que a essência da obra original se comprometesse. Além dos temas universais abordados pela autora, a recontextualização da trama para uma realidade um pouco mais familiar ao público proporciona uma maior conexão com o mesmo. A etapa prática também permitiu experimentar recursos que não necessariamente estavam presentes na dramaturgia de 1951. É o caso da iluminação e o jogo de sombras, que remetem ao gênero de filmes *Noir* e compõem na criação de uma ambientação de suspense e mistério.

A Mansão Oca é o resultado deste processo de criação e do conceito antropofágico descrito por Oswald de Andrade (1928). É uma demonstração de que o “devorar” tem a capacidade de reinventar uma obra já consagrada e inseri-la em diferentes épocas e culturas. Além disso, esta pesquisa contribui para o campo da direção teatral ao levantar discussões pertinentes a respeito do processo de adaptação e os desafios que surgiram em seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VIDA de Agatha Christie, a rainha do mistério | Nerdologia. Filipe Figueiredo. YouTube: [s. n.], 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FHUhs60SfyM>. Acesso em: 5 nov. 2023.

CHAUVIN, Jean Pierre. A ANGÚSTIA DE GERDA CHRISTOW (A MANSÃO HOLLOW). In: CHAUVIN, Jean Pierre. **Crimes de festim: Ensaio sobre Agatha Christie**. São Paulo: Todas as Musas, 2017. p. 1-20.

CHRISTIE, Agatha. *A Mansão Hollow*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2022. 317 p.

CHRISTIE, Agatha. *A Mansão Hollow*. In: CHRISTIE, Agatha. *E não sobrou nenhum e outras peças*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2020. cap. 3, p. 227 - 356.

HAVLÍČKOVÁ, Andrea. **Agatha Christie and her Great Detective: (based on Poirot Investigates and Hercule Poirot's Christmas, reflecting 1920s and 1930s)**. 2005. 43 p. Tese

(Bacharelado em Língua e Literatura Inglesa) - Universidade Masaryk, [S. l.], 2005.

Disponível em: <https://is.muni.cz/th/cwjlr/?lang=en>. Acesso em: 31 out. 2023.

KNOX, Ronald. **Ten Rules for a Good Detective Story**. The Publisher's Weekly, [s. l.], v.

116, n. 14, p. 1729, 5 out. 1929. Disponível em:

https://archive.org/details/sim_publishers-weekly_1929-10-05_116_14/page/1728/mode/2up.

Acesso em: 27 out. 2023.

KYZLINKOVÁ, Lidia. **Social issues in Agatha Christie's mysteries: country, class,**

crime, clothes and children. In: BRNO studies in English. 1. ed. [S. l.: s. n.], 1997. v. 23, p.

115-127. Disponível em: https://digilib.phil.muni.cz/_flysystem/fedora/pdf/104347.pdf.

Acesso em: 31 out. 2023.

MORGAN, Janet. **Agatha Christie: Uma biografia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Best Seller

Ltda., 1984. 476 p.

OSBORNE, Charles. **The Life and Crimes of Agatha Christie: A Biographical Companion**

To The Works Of Agatha Christie. 2. ed. [S. l.]: Harper Collins, 2000. 432 p.

APÊNDICE A - DRAMATURGIA ADAPTADA

A MANSÃO OCA

Adaptação de A Mansão Hollow, de Agatha Christie

por Henrique Luchiari

NOTAS SOBRE ELEMENTOS DO TEXTO:

Todas as direções espaciais apontadas abaixo são em relação à perspectiva da plateia.

D = DIREITA

E = ESQUERDA

C = CENTRO

B = BAIXO (FRENTE DO PALCO)

A = ACIMA (FUNDO DO PALCO)

DB = DIREITA BAIXO (CAMINHO PARA ÁREA EXTERNA DA CASA)

DA = DIREITA ACIMA (PORTA DE ENTRADA DA CASA)

EB = ESQUERDA BAIXO (CAMINHO PARA OS QUARTOS DA CASA)

EA = ESQUERDA ACIMA (CAMINHO PARA A COZINHA E ÁREAS DE SERVIÇO DA CASA)

Ato I

CENA 1

CENÁRIO: *A sala de estar da casa de campo de Lucia e Henrique Covas, interior de São Paulo. Tarde de sexta-feira.*

É uma sala informal, bem mobiliada e decorada com requinte. Um sofá de três lugares está situado no C. Uma mesinha de canto está posicionada a E do sofá. Há um telefone fixo em cima dela. Na DC há uma cadeira. A EB há uma poltrona com uma mesinha de canto a E. Uma mini adega está posicionada a EA, com diversas garrafas e copos para as pessoas se servirem. Há uma mesa no C, diante do sofá e da poltrona e da cadeira. A DA, está posicionada uma cadeira, um porta guarda-chuva e um mancebo.

No C, HENRIQUE está sentado no sofá mexendo no celular enquanto LUCIA anda de um lado pro outro organizando o cenário.

HENRIQUE:

Lucia, querida, pra quê tanta agitação? Você precisa se acalmar um pouco, benzinho, ou você vai enlouquecer.

LUCIA:

Essa casa tá uma bagunça, Henrique. Como você consegue dizer um negócio desses? Nossos convidados chegando e você aí sentado no sofá sem fazer nada.

HENRIQUE:

Você vê bagunça em tudo, benzinho. Foi a empregada não vir um dia que você já surta assim.

LUCIA:

Mas também, onde já se viu? Bem no final de semana da nossa confraternização, Neide marca uma viagem pra Disney com a família. O que aconteceu com as empregadas dedicadas aos seus patrões? Cadê as boas maneiras? Ninguém mais gosta de trabalhar hoje em dia.

HENRIQUE:

Ah, meu bem, os bons costumes morreram. Não se respeitam mais as pessoas como se respeitavam. É o fim desse país.

LUCIA:

Ai, pois você se controle quando eles chegarem. Você sabe como Helena fica quando você começa a falar essas coisas.

HENRIQUE:

Ah, Helena. Uma menina tão boa mas com umas ideias tão idiotas na cabeça. Onde já se viu não querer casar?

LUCIA:

Você sabe como ela é, Henrique. Ela quer ter a própria independência, não quer ninguém cuidando da vida dela.

HENRIQUE:

Isso aí é desculpa, Lucia. Ela fica se vestindo com aquelas roupas, agindo daquele jeito só pra chamar atenção. É claro que nenhum homem vai querer ficar com ela.

LUCIA:

Às vezes ela só não gosta de namorar, meu bem.

HENRIQUE:

Isso é história. Ninguém consegue ficar com ela porque ninguém aguenta ela. Essa geração tá perdida. Entram numa faculdade cheia de bicho grilo da vida e sai maluca.

LUCIA:

E lembra o que eu disse quando ela falou que queria fazer artes? Não dava três meses pra que ela assumisse esse lado pra todo mundo. E não deu outra. Três meses depois ela apareceu com o cabelo raspado do lado.

HENRIQUE:

Meu Deus, nem me lembre dessa fase.

LUCIA:

Graças a Deus cabelo cresce e o dela já tá normal, bem apresentado.

HENRIQUE:

Mas ainda se veste daquele jeito né.

LUCIA:

Pois é, mas você se controle, ouviu? Não quero você causando nenhuma cena na frente de todo mundo. Não quero você nos envergonhando na frente dos nossos convidados.

HENRIQUE:

Fique tranquila, meu bem. Eu mesmo não quero me estressar esse final de semana. Se Helena quiser implicar com alguma coisa que fizemos ou dissermos, ela que faça birra sozinha, pois eu é que não vou cutucar a onça. Quero paz.

LUCIA:

E tenho certeza que ela também não vai fazer nada demais. Ainda mais com João e Giuliana vindo aqui. Eles pelo menos se dão bem com ela.

HENRIQUE:

Também, morando em São Paulo eles devem conviver com gente como Helena todo dia, praticamente.

LUCIA:

Ainda bem que saímos de lá. Não suportava o trânsito, a sujeira, a quantidade de gente pobre na rua. Tenho até arrepio de lembrar.

HENRIQUE:

Eu também nunca gostei muito de lá. Estamos muito melhor aqui, com certeza. Só gente de bem, um lugar gostosinho, calmo.

LUCIA:

Se ao menos Helena tivesse a cabeça um pouco mais aberta... Quem sabe ela até considerasse dar uma chance a Eduardo...? Um rapaz tão bom, tão certo. E ele gosta tanto de Helena.

HENRIQUE:

Quem sabe ele não consiga dar um jeito nela?

LUCIA:

Não seria bom?

MIRELA:

(fora de cena)

Eduardo vem hoje?

CENA 2

MIRELA entra em cena pela EB. Ela usa roupas simples e mais baratas que o casal anfitrião, embora tente ao máximo se vestir bem como os primos.

MIRELA:

Você disse que Eduardo vem hoje, Lu?

LUCIA:

Sim, Mirela, ele vem. E por acaso você estava ouvindo nossa conversa, fofoqueira?

MIRELA:

Eu? Não, claro que não. Estava passando pelo corredor quando ouvi vocês mencionarem Eduardo. Não sabia que vocês tinham chamado ele.

LUCIA:

Pois agora sabe.

Henrique confere as horas no relógio e se levanta do sofá.

HENRIQUE:

Meu bem, está quase na hora deles chegarem. Vou ao banheiro dar aquela descarregada e trocar de camisa.

LUCIA:

Tudo bem, meu bem. E vê se não demora. Você sempre leva horas naquele banheiro.

Um pouco constrangido, Henrique sai pela EB.

MIRELA:

Quem mais vem, Lu? Além de Eduardo e Helena.

LUCIA:

Ah, bem, João e Giuliana estão vindo de São Paulo e devem chegar a qualquer momento.

(para o céu)

Me dê forças Jesus pra aguentar essa aí.

MIRELA:

Não fala assim, Lu. Que pecado.

LUCIA:

Ah, prima, com todo respeito, mas você sabe. João... Nós amamos João. Um moço tão bom. Alegre, inteligente, respeitável. Um médico de sucesso. E Giuliana, bem... Você sabe como ela é.

MIRELA:

É o jeito dela.

LUCIA:

A mulher é uma sonsa, Mirela. Tapada como uma porta. Faz tudo o que os outros mandam, não consegue se impor. Não se diverte com a gente, só fica com aquela cara de tonta rindo de qualquer coisa que a gente fala. Não sei como João aguenta ela.

MIRELA:

Ah, Lu, a vida é assim. A gente não escolhe em quem vamos nos apaixonar.

LUCIA:

Pois eu digo que João fez a escolha errada. Poderia ter arranjado qualquer pessoa melhor que Giuliana. Até você seria uma opção melhor. Pelo menos Helena estará aqui. Ela, ao menos, sabe lidar bem e conversar com Giuliana, então não será um grande problema para nós. Mas vou precisar de sua ajuda, prima. Quero que nossos convidados sejam muito bem recebidos aqui. Afinal, temos uma nova convidada a caminho.

MIRELA:

Quem?

LUCIA:

Pois. Se lembra da viagem que eu e Henrique fizemos ao Rio no último mês?

MIRELA:

Sim. Seu Instagram ficou lotado de fotos.

LUCIA:

Então, enquanto estávamos lá, conhecemos uma pessoa famosa. Não sei se já ouviu falar dela, até porque nem eu a conhecia. Mas depois, fui pesquisar e vi que era famosa a mulher, acredita?

MIRELA:

Quem é?

LUCIA:

Uma detetive, prima. Jazz, o nome dela. Você já deve ter ouvido falar dela.

MIRELA:

Acho que já ouvi falar dela, sim. Devo ter visto alguma coisa no TikTok.

LUCIA:

Pois é, prima. Diz ela que não gosta muito da atenção, sabe? Tanto que quem publica as histórias dos casos que ela investigou é uma amiga dela. E você acredita que a gente conheceu a mulher?

MIRELA:

E do nada você chamou ela pra cá?

LUCIA:

Bem, não foi do nada, né? A gente conversou, acabamos nos entrosando, saímos juntos pela cidade. Ela disse que nunca conheceu São Paulo, então eu a convidei pra cá. Disse que ia ser bom pra ela conhecer um pouco do interior antes de visitar a capital. E ela aceitou.

MIRELA:

Não acha que ela pode estar se aproveitando da sua boa vontade pra ter uma boa estadia de graça, Lu?

LUCIA:

Nesse caso, vai ser uma troca, não acha, prima? Ela consegue passar alguns dias numa bela fazenda como a nossa e eu viro amiga de uma pessoa famosa. Pensa como isso seria bom pra gente.

O telefone toca e Lucia atende. A voz que ouvimos do outro lado da linha é a do porteiro.

ALCEU:

Dona Lucia, tem um tal Eduardo aqui. Posso deixar entrar?

LUCIA:

Pode sim, seu Alceu. Muito obrigada.

(coloca o telefone no gancho)

Ah, finalmente. Eles começaram a chegar.

Lucia e Mirela vão até a porta, na DA.

CENA 3

EDUARDO entra pela DA. Ele se veste moderadamente bem, porém não tanto quanto Lucia e Henrique. Traz consigo uma mala, que deixa encostada ao lado do porta guarda-chuva. Ele cumprimenta Mirela e Lucia e pendura o casaco no mancebo.

LUCIA:

Eduardo, como é bom te ver. Que saudades!

EDUARDO:

É muito bom te ver também, Lucia. Como você está?

LUCIA:

Estou ótima, querido, graças a Deus.

EDUARDO:

E você, Mirela? Está bem?

MIRELA:

Estou bem, Eduardo. Bem. Faz tempo que não nos vemos.

EDUARDO:

Faz mesmo. E como estão as coisas? Como vai sua mãe? E a loja?

MIRELA:

Está indo tudo bem. Ela está bem, mamãe. E a loja, bem, está tudo indo bem. Tem os seus problemas, claro, mas temos conseguido dar um jeito.

LUCIA:

Mirela, Eduardo deve estar cansado. A viagem foi longa. Venha, querido, acomode-se. Gostaria de beber alguma coisa? Está com fome?

EDUARDO:

Estou bem, Lucia, obrigado. Mas, se não for incomodar, aceito um copo de água.

LUCIA:

Claro, querido, claro. Mirela, vá buscar um copo d'água para Eduardo.

MIRELA:

Eu? Por quê eu?

LUCIA:

Porque eu te pedi, querida. Vamos.
(falando entre dentes)

EDUARDO:

Eu posso eu mesmo pegar, se não for problema, Lucia.

Lucia o interrompe antes de terminar a frase

LUCIA:

Não seja bobo, querido.
(doce)
Mirela.
(passiva agressiva, gesticulando com a cabeça)

MIRELA:

Ah, tá, eu vou.

Mirela sai pela EA. Eduardo se senta na cadeira a DC. Lucia se senta no lado direito do sofá.

LUCIA:

E como estão as coisas, querido? Como estão seus pais? Uma pena que não puderam vir, estava com saudade deles. Faz muito tempo que não nos vemos. Mas você é sempre bem vindo aqui, querido.

EDUARDO:

Obrigado, Lucia. As coisas vão bem. Meus pais mandaram um beijo pra vocês e pediram pra te dizer que ficaram muito tristes por não poderem vir.

LUCIA:

Bom, pelo menos você veio, querido. E ainda bem que veio, porque Helena também está vindo.
(sugestiva)

Mirela volta da EA com um copo de água em uma mão e uma jarra cheia na outra. Ela deixa a jarra na adega e cruza por detrás do sofá até a DC. Mirela acaba ouvindo a conversa entre os dois.

EDUARDO:

Ah, Helena está vindo também?

(nervoso, de repente)

Eu não sabia.

LUCIA:

Não sabia? Sei. Mas estava esperando que viesse, né?

(provocativa)

Ah, seria tão bom se vocês dois... Você sabe...

MIRELA:

Aqui está sua água.

(ela oferece o copo bruscamente para Eduardo, molhando-o acidentalmente)

Ai meu Deus, desculpa Eduardo. Foi um acidente.

(imediatamente arrependida)

Foi um leve espasmo, me desculpe.

Enquanto Eduardo se levanta, Mirela deixa o copo na mesa ao C e fica abanando as mãos numa tentativa falha de secar Eduardo.

LUCIA:

Mirela, olha a bagunça que você está fazendo, menina. Molhou toda a minha cadeira. E o pior é que não tem nenhuma empregada pra limpar essa bagunça aqui.

EDUARDO:

Está tudo bem, meninas, foi só um acidente. Pode deixar que eu seco isso, Lucia.

LUCIA:

Imagina, menino. Mirela, filha, vai pegar uma toalha pra secar isso aqui, vai.

EDUARDO:

Não precisa...

Envergonhada e sem contradizer a prima, Mirela sai rapidamente pela EA.

LUCIA:

Querido, você está todo molhado. Por quê não vai se trocar enquanto limpamos aqui? Seu quarto é por ali, segunda porta a direita.

(aponta para a EB)

Lucia o arrasta para o corredor; à EB, empurrando-o para fora de cena. Mirela volta com uma toalha para secar o chão. Lucia vai até ela como se fosse dar uma bronca, mas para quando Eduardo retorna, constrangido.

EDUARDO:

Minhas coisas...

Ele cruza até a DA, pega suas malas e sai de cena novamente pela EA.

LUCIA:

O que foi isso, Mirela? Virou a Giuliana, de repente?

MIRELA:

Não, foi só um acidente. Desculpa.

(enquanto seca o chão)

LUCIA:

Acidente. Sei. Você me parecia muito incomodada, isso sim.

MIRELA:

Deve ser minha cabeça. Ela está doendo um pouco desde hoje de manhã.

LUCIA:

Toma um neosaldina que passa, menina.

O telefone toca. Lucia atende.

ALCEU:

Dona Lucia, o seu João tá aqui na entrada. Tô deixando ele entrar, tá bão?

LUCIA:

Tudo bem, seu Alceu. Muito obrigada.

(coloca o telefone no gancho)

João e Giuliana chegaram. Leva essa toalha pra lá enquanto eu termino de arrumar as coisas aqui.

CENA 4

Mirela sai pela EA com a toalha e o copo. Lucia termina de ajeitar a cadeira e vai até a DA. Mirela chega correndo até o lado de Lucia quando JOÃO e GIULIANA entram pela DA.

João se veste bem, porém não melhor que seus anfitriões. Giuliana também se veste com boas roupas, mas que não combinam com ela.

JOÃO:

Licença pra quem tá chegando.

(bem humorado)

LUCIA:

João, Giuliana, entrem, fiquem à vontade.

GIULIANA:

Olá, Lucia. Quanto tempo.

(dócil, condescendente)

LUCIA:

Venham, sentem-se.

João deixa as malas ao lado da entrada, pendura o casaco e todos vão até o C. Giuliana se senta no canto D do sofá, João na cadeira a D, Mirela ao lado de Giuliana e Lucia na poltrona a E.

LUCIA:

Como foram de viagem? A estrada estava boa?

JOÃO:

Ah, sim, estava tudo ótimo. Conseguimos sair mais cedo de São Paulo, então não pegamos quase nenhum trânsito.

LUCIA:

Que ótimo.

JOÃO:

Teríamos chegado mais cedo se Giuliana não fosse tão enrolada.

GIULIANA:

Eu estava deixando as nossas coisas prontas, querido. Não queria deixar nada pra trás pra depois termos que voltar pra buscar.

JOÃO:

E mesmo assim tivemos que voltar porque alguém esqueceu de colocar nossos carregadores na mala.

(bem humorado)

GIULIANA:

Ah, sim, eu havia esquecido.

(envergonhada)

LUCIA:

Ah, Giuliana, querida. Só você mesmo.

(rindo)

JOÃO:

E onde está Henrique, Lucia?

LUCIA:

Ele foi se trocar e já vem. Aceitam uma bebida enquanto isso?

JOÃO:

Por favor, se não for incomodar.

LUCIA:

De jeito nenhum. Mirela, querida, me ajude, por favor.

MIRELA:

Claro.

As duas se levantam e vão até a adega na EA. Mirela serve água da jarra em um dos copos na adega enquanto Lucia abre a porta e pega uma long-neck.

LUCIA:

O que você quer beber, querido?

JOÃO:

Eu aceito uma cerveja, por favor.

GIULIANA:

Á-água. Pra mim pode ser só água.

(olhando de relance para o marido aguardando algum tipo de reação)

JOÃO:

Sim, é melhor que Giuliana beba só água mesmo, por enquanto. Basta ela beber um pouquinho que já viu o que acontece.

Todos riem. Giuliana mais de constrangimento do que de diversão.

LUCIA:

Ah, João, como você faz falta.

JOÃO:

E como estão as coisas por aqui?

LUCIA:

Estão ótimas, graças a Deus. Nossas terras tem sido muito produtivas, então temos vendido muito. Vendemos mais esse ano do que no ano passado, acredita? E eu e Henrique estávamos preocupados que depois das eleições, iam roubar uma parte das nossas terras e dar para aqueles vagabundos do MST. Mas isso nem chegou a ser problema pra nós.

JOÃO:

Ainda bem. Deve ser difícil viver na posição de vocês, com medo de invadirem sua casa a qualquer momento.

LUCIA:

Já tivemos mais medo, sim. Mas Henrique é amigo bem próximo do delegado daqui de Ribeirão Preto que consegue mexer uns pauzinhos pra nós, então nos sentimos bem mais seguros.

JOÃO:

Bom saber que tem gente de bem trabalhando na polícia.

HENRIQUE:

E ainda melhores pessoas na minha casa.

(fora de cena)

Henrique entra pela EB, com roupas diferentes, mais formais para receber seus convidados. Ele vai até João e o cumprimenta. Faz o mesmo com Giuliana.

HENRIQUE:

Como estão? Bem?

JOÃO:

Estamos bem, Henrique. E você?

HENRIQUE:

Melhor impossível. Por que demoraram tanto?

JOÃO:

Giuliana esqueceu algumas coisas em casa e tivemos que voltar para buscar.

HENRIQUE:

Ah, Giuliana, querida. Só podia ser você mesmo.

GIULIANA:

É... Ainda bem que tenho João pra me lembrar das coisas.

JOÃO:

É claro, querida.

HENRIQUE:

Bem, que bom que chegaram bem.

JOÃO:

Estamos todos aqui?

HENRIQUE:

Eduardo já chegou. Encontrei com ele no corredor que leva aos quartos.

LUCIA:

Sim, ele está guardando as malas e trocando de roupa. Mirela derrubou água nele e o deixou todo molhado.

MIRELA:

Foi um acidente.

JOÃO:

Giuliana já fez o mesmo comigo quando fomos em um congresso. Só que foi com vinho.

GIULIANA:

É verdade. Fiquei com tanta vergonha. Ainda bem que eu tinha levado uma camisa reserva pra João.

JOÃO:

Sim, atenciosa como sempre, querida. Mesmo me fazendo passar vergonha.
(beliscando sua bochecha)

LUCIA:

Helena ainda não chegou, mas deve estar chegando.

JOÃO:

Helena vem? Que bom. Você deve estar ansiosa para revê-la, não, Lucia?

LUCIA:

Sim, muito. Depois de passar tanto tempo fora. Estamos tão felizes, eu e Henrique. Helena pode ser uma pessoa difícil de lidar, mas...

JOÃO:

Desculpe interrompê-la, Lucia. Eu estou começando a sentir um pouco de dor de cabeça e lembrei que preciso tomar meus remédios. Eu vou levar nossas malas para o quarto e aproveito para tomá-los e ir ao banheiro também.

GIULIANA:

Está tudo bem, querido? Eu posso te ajudar, amor.

JOÃO:

Está tudo bem, querida. Uma dorzinha de cabeça chata, nada demais. Posso levá-las sozinho, meu bem. Obrigado.

João pega uma das malas e cruza até a EB. Ao mesmo tempo, Eduardo entra pela EB.

EDUARDO:

João. Você veio. É bom vê-lo de novo.
(estende a mão, relutante)

JOÃO:

Olá, Eduardo. É bom ver você também. Com licença.
(ignorando sua mão e saindo pela EB)

LUCIA:

Terceira porta à direita, João.
(gritando enquanto ele sai de cena)

EDUARDO:

Ok... Giuliana, como é bom ver você. Como está?
(vai até ela)

GIULIANA:

Estou bem, Eduardo, obrigada. E os seus pais?

EDUARDO:

Estão bem, mas infelizmente não puderam vir.

GIULIANA:

Que pena.

LUCIA:

Tudo certo com seu quarto, Eduardo?

(levantando-se, inquieta)

EDUARDO:

Tudo certo, Lucia. Obrigado.

LUCIA:

Aceita alguma coisa pra beber? Dessa vez sem derrubar nada.

EDUARDO:

Aceito, sim, obrigado.

LUCIA:

Mirela...

EDUARDO:

Pode deixar que eu pego, Lucia. Não tem problema.

HENRIQUE:

Estou com sede também.

GIULIANA:

Ah, João esqueceu uma de nossas malas. Ele não deve estar se sentindo bem mesmo. É melhor eu ver se ele precisa de alguma coisa. Com licença.

LUCIA:

Claro, querida. Não demorem.

Henrique e Eduardo vão até a adega enquanto Giuliana vai até a DA, pega a outra mala e sai pela EB. O telefone toca no instante que ela sai. Lucia o atende.

ALCEU:

Dona Lucia, só tô ligando pra avisar que dona Helena chegou e tá subindo aí. Ela e uma outra moça.

LUCIA:

Que moça?

ALCEU:

Eu não sei, dona Lucia, mas como elas estavam juntas eu deixei passar.

LUCIA:

Ah, tudo bem Alceu. Obrigada.

Lucia coloca o telefone no gancho. Todos olham para ela com curiosidade.

LUCIA:

Helena chegou. Acompanhada de alguma moça.

HENRIQUE:

Moça?

LUCIA:

Foi o que Alceu disse.

HENRIQUE:

Você não acha que...?

LUCIA:

Ai, Deus me livre, espero que não. Deve ser só uma amiga dela. Uma das meninas que moram com ela. Só isso.

Mirela e Eduardo olham para o casal com olhares curiosos.

LUCIA:

Não que isso seja um problema para nós.

HENRIQUE:

Claro que não.

LUCIA:

Não temos preconceito algum. Inclusive temos muitos amigos que são...

HENRIQUE:

Adoramos conviver com todo tipo de gente.

LUCIA:

Se é o que ela realmente quer...

CENA 5

Lucia vai até a entrada, na DA. Eduardo parece nervoso. Henrique fica ao lado de Lucia, com um copo de bebida na mão. Mirela se aproxima de Eduardo, alternando seu olhar entre ele e a porta.

HELENA e JAZZ entram pela DA. Helena se veste com roupas leves e um pouco destoantes das usadas pelas outras personagens, mas bem. Jazz se veste seguindo o estereótipo de turista e elegante, ao mesmo tempo. Lucia e Henrique aliviam-se ao perceber que a "moça" era Jazz. Helena e Jazz deixam as malas entre o porta guarda-chuva e a cadeira.

LUCIA:

Helena, querida, finalmente você chegou. E já conheceu nossa mais nova amiga. Jazz! Graças a Deus é você, Jazz. Que bom te ver.

HELENA:

Sim, tia Lu, como vai? Nos encontramos na rodoviária hoje mais cedo e tomamos um café juntas antes de descobrirmos que estávamos vindo para o mesmo destino.

(Lucia cumprimenta Helena e depois Jazz com dois beijos, um em cada bochecha)

LUCIA:

É verdade?

JAZZ:

Sim. Eu descobri que Helena era uma de suas convidadas quando ela mencionou que também estava com dificuldade em encontrar uma carona pra cá. Eu só liguei os pontos depois.

LUCIA:

Ah, sempre agindo como detetive, Jazz.

JAZZ:

É intuitivo, eu acho. Não consigo evitar.

HENRIQUE:

Helena, querida, como vai?

(cumprimenta com um beijo na bochecha)

HELENA:

Bem, dentro do possível, tio Henrique. Obrigada.

HENRIQUE:

Nós estamos bem também, graças a Deus.

EDUARDO:

E aí, Helena? Quanto tempo.

HELENA:

Du, você veio! Que te ver.

(Helena vai até ele e o abraça)

Você também, Mirela.

(ela também a abraça)

MIRELA:

Oi, Helena. É bom te ver.

(um pouco sem jeito)

HENRIQUE:

Jazz, é um prazer recebê-la aqui em nossa casa.

(estendendo a mão)

JAZZ:

Eu que agradeço pelo convite. Pra ser sincera estava precisando de algumas férias. Ultimamente tenho só passado estresse com o trabalho.

(cumprimentando-o)

HENRIQUE:

Oh, eu imagino.

JAZZ:

Ah, não, acredite. Você nem imagina a quantidade de problemas e incompetentes que tenho que lidar. Sem falar que o Rio, bom, é um caso à parte, né?

EDUARDO:

A gente não se conhece. Você é...?

(para Jazz)

LUCIA:

Ai, que falta de educação a minha. Por aqui, Jazz. Sinta-se à vontade. Deixa eu te apresentar aos outros. Eduardo, Mirela, esta é Jazz. Jazz, Eduardo, filho de um casal de amigos meu e de Henrique, e Mirela, nossa prima, por minha parte. Uma parte beeeem distante da família.

JAZZ:

É um prazer.

(cumprimentando ambos)

MIRELA:

Muito prazer, Jazz.

EDUARDO:

Jazz... não é um nome muito comum, né?

JAZZ:

Não mesmo, mas sempre me disseram que eu era uma pessoa incomum.

EDUARDO:

Você é artista como Helena?

JAZZ:

Não, embora eu me considere uma artista no que faço. Sou detetive. Detetive particular.

EDUARDO:

Uau.

MIRELA:

Deve ser emocionante, não?

JAZZ:

Ah, muitas vezes são casos chatos de traição e que poderiam ser facilmente resolvidos se quem me contratasse pensasse um pouco mais. Não são os meus favoritos, mas temos que pagar as contas, não é verdade? Mas, volta e meia a polícia me pede consultoria. Com sorte, é algum assassinato.

MIRELA:

Sorte?

JAZZ:

Sim. Estes são sempre os mais emocionantes.

LUCIA:

Gostaria de beber alguma coisa, querida? Deve estar com sede.

(um pouco nervosa)

JAZZ:

Eu agradeço, sim, Lucia. Cachaça, se tiver, ou qualquer coisa forte.

LUCIA:

É claro. Sente-se, fica a vontade. Henrique...

(indo até a adega)

HENRIQUE:

Er... Por aqui, venham.

Os outros vão para o C. Helena se senta na E do sofá, Mirela ao seu lado e Jazz na D. Eduardo se senta na poltrona a EC e Henrique na cadeira a DC.

EDUARDO:

E como vão as coisas, Helena? Tudo indo bem com a galeria?

HELENA:

Poderiam estar melhores, Du, a verdade é essa. Infelizmente viver de arte não é fácil. Mas, pelo menos, não estou passando fome, ainda.

HENRIQUE:

Se ao menos você tivesse alguém com quem dividir as despesas, querida.

HELENA:

Ah, eu tenho, sim, ainda bem. Estou morando com outras duas amigas em um apartamento pertinho do centro.

LUCIA:

Você entendeu o que seu tio quis dizer, querida. Não pode ficar morando com suas amigas pra sempre.

(falando para Helena, enquanto entrega a bebida para Jazz)

HELENA:

Por enquanto estou bem vivendo com elas, Lu. Não tenho vergonha disso.

HENRIQUE:

Não é isso que estamos dizendo, Helena. É só que nos preocupamos com seu futuro. E morando no centro ainda... Do jeito que tá hoje em dia?

HELENA:

Eu agradeço a preocupação, titio. Mas eu já sou uma mulher adulta e sei quais decisões tomar para a minha vida.

CENA 6

João e Giuliana voltam, vindo da EB. João para por um breve momento ao ver Helena ali. Giuliana, ao perceber Helena, vai em sua direção. Seu marido a segue, tentando disfarçar o momento de hesitação.

GIULIANA:

Helena, você chegou.

HELENA:

Giu, que saudades! Quanto tempo. Como você está?

(Helena se levanta e a abraça com calor)

Moramos na mesma cidade e eu mal a vejo, mulher. Como pode?

GIULIANA:

Ah, você é muito ocupada com seus trabalhos maravilhosos. É claro que não tem tempo. Eu e João estamos devendo uma visita à sua galeria, mas sabe como é... João é sempre muito ocupado.

JOÃO:

Ela exagera muito, Helena. Mas sem dúvida tenho trabalhado bastante ultimamente. Consultas, pesquisas...

HELENA:

Olá, João.

(ela beija a sua bochecha)

Que bom que vocês vieram.

Eduardo fica visivelmente incomodado com a aproximação dos dois. Mirela percebe o incômodo de Eduardo e também fica.

GIULIANA:

E você?

(para Jazz, que já está de pé)

Nós não nos conhecemos. Quem é você?

LUCIA:

Ora, Giuliana. É claro que não a conhece. A não ser que tenha visto alguma coisa sobre ela na televisão. Esta é Jazz, nossa mais recente amiga.

JAZZ:

Posso eu mesma me apresentar, Lucia.

(para Lucia e depois para Giuliana)

Jazz. Não se sinta pressionada com o que Lucia diz de mim, ela está exagerando um pouco.

(apertando sua mão)

JOÃO:

João, muito prazer.

(também apertando sua mão)

Mas, por qual motivo teríamos ouvido falar de você, Jazz?

(ele não consegue disfarçar a estranheza que sente ao pronunciar seu nome)

JAZZ:

Ah, nada demais. Talvez em algum jornal mais sensacionalista, alguma página de Instagram ou no Tik Tok...

GIULIANA:

Você é famosa?

JAZZ:

Não exatamente. Algumas pessoas me conhecem, mas eu não vivo disso. Na verdade, isso acaba prejudicando meu trabalho algumas vezes.

JOÃO:

E o que você faz?

JAZZ:

Sou detetive particular.

JOÃO:

Detetive? Uau. Que inesperado.

JAZZ:

Uma mulher detetive?

JOÃO:

Não. É... Não é isso que eu quis dizer.

(sem jeito)

LUCIA:

Acho que João quis dizer que não conhecemos muitas pessoas com a sua profissão, sabe? E famosa ainda por cima.

JOÃO:

Exato. Não estamos acostumados. Acho que por isso Lucia está tão animada hoje. Deve estar animada por recebê-la aqui. É a sua primeira vez aqui?

JAZZ:

Sim, conheci Lucia e Henrique quando viajavam pelo Rio. Lucia foi carinhosa o suficiente em me convidar para passar um final de semana aqui com vocês. E pelo o que ouvi, aqui é realmente muito bonito.

LUCIA:

É lindo. Você vai adorar, Jazz. Não é A cidade maravilhosa, mas você vai gostar da calmaria daqui, os campos, a piscina... Gostaria de fazer um pequeno tour?

JAZZ:

Gostaria de guardar minhas coisas primeiro, se não for incomodar.

LUCIA:

É claro. Eu te acompanho até o seu quarto. Posso levar suas coisas também, se quiser Helena.

HELENA:

Se não for incomodar, Lu, eu agradeço.

LUCIA:

É claro meu bem. Mirela, venha!

Jazz, Lucia e, a contragosto, Mirela pegam as malas na DA e cruzam para a EB para fora de cena.

LUCIA:

É por aqui, Jazz, querida. Você vai adorar o seu quarto. É uma das suítes da casa. Preparamos ela especialmente para você. A penúltima porta do corredor, antes do meu quarto e de Henrique. Seu chuveiro está com um certo defeito, eu te explico quando estivermos lá...

(Lucia tagarela durante toda esta movimentação até estar fora de cena)

HENRIQUE:

Minha esposa está um pouco ansiosa.

GIULIANA:

Ela é só muito atenciosa, Henrique. Lu sempre foi assim.

HELENA:

Até demais, eu diria.

HENRIQUE:

Isso me lembrou que tenho que terminar de organizar nossa área de tiro ao alvo. Eduardo, poderia me ajudar a posicionar os alvos?

EDUARDO:

Na verdade eu precisava falar com Helena...

HENRIQUE:

Ah, você vai ter tempo pra isso, rapaz. Venha, preciso de ajuda de um jovem forte como você.

EDUARDO:

É... Claro, claro, Henrique. Eu ajudo sim.

JOÃO:

Aproveite para praticar sua mira, Eduardo. A última vez você não foi tão bem, pelo que eu me lembro.

EDUARDO:

Eu não sou muito fã de armas.

HENRIQUE:

Aonde já se viu um rapaz da sua idade não gostar de dar uns tirinhos de vez em quando? Seja macho, rapaz. Eduardo não é como nós, João, huh?!

HELENA:

Inseguros? Masculinidade frágil? Precisam compensar?
(faz sinal de pequeno com os dedos)

HENRIQUE:

Era só uma piadinha, Helena.

HELENA:

Era só uma piadinha, tio Henrique.
(imitando o tom de voz de Henrique)
Não entendo esse tesão que vocês tem com armas.

HENRIQUE:

É apenas um passatempo, Helena. E um pouco de prática também. Nunca se sabe quando algum vagabundo pode invadir MST minhas terras.

Helena bufa e vai até a adega.

JOÃO:

Enquanto está lá, por que não ajuda Giuliana a tentar acertar alguma coisa que não seja as árvores, Henrique?

GIULIANA:

Por que você não me ensina, João?

JOÃO:

Eu sou um péssimo professor, meu bem. Além do mais, Henrique sabe muito bem como fazer você aprender sem que acabe atirando em alguém por acidente.

GIULIANA:

Mas e você?

JOÃO:

Vou beber alguma coisa e terminar de arrumar nossas coisas, querida. Está tudo bem.

GIULIANA:

O-Ok.

Henrique e Giuliana saem pela DB. Helena observa a cena por cima do ombro, de costas para a platéia. João observa os dois saírem enquanto se dirige a adega.

CENA 7

JOÃO:

Finalmente temos alguns minutos a sós...

(abraçando Helena por trás)

HELENA:

Aqui não, João.

(se desvencilhando)

Agora não.

JOÃO:

Por que não? Estamos só nós dois aqui.

HELENA:

Eles podem entrar aqui a qualquer momento.

(segurando sua mão antes que João se sirva)

E nem comece a beber. Você sabe que não consegue se controlar quando começa a beber.

JOÃO:

Pelo amor de Deus, Helena. Você também não. Já basta Giuliana enchendo meu saco em casa e aqui, falando que não posso isso, não posso aquilo...

HELENA:

Deveria escutar sua esposa. Ela pode ser tapada como uma porta, mas sabe do que fala quando se trata de ti.

JOÃO:

Engraçado você dizer isso sobre ela quando faz o que faz comigo.

HELENA:

Você deveria respeitá-la mais.

JOÃO:

Olha quem fala!

HELENA:

Eu adoro Giuliana. Todos aqui parecem desprezá-la, mas eu a adoro. Ela é doce, gentil e muito mais do que vocês pensam dela.

JOÃO:

Você diz isso, mas depois me liga para umazinha no meio da noite ou quando está se sentindo sozinha ou carente. Ou quando está precisando só de uma boa trepada.

(ele passa a mão pela sua cintura, mas Helena o empurra)

HELENA:

Já disse que aqui não, João. Às vezes você é tão...

JOÃO:

Charmoso? Irresistível?

HELENA:

Irritante.

JOÃO:

Não foi o que você disse na última vez.

HELENA:

Pois saiba que estou ficando cheia disso tudo.

JOÃO:

Ah é?

HELENA:

É. Não sei se consigo continuar com isso, João. Giuliana não merece isso.

JOÃO:

E vai fazer o que?

HELENA:

Ela merece saber a verdade.

JOÃO:

E quem vai contar pra ela? Você? Vai destruir o casamento e a vida dela? E as crianças? Já pensou o que vai ser delas? Tudo porque você resolveu agora ter um pingo de consciência?

HELENA:

Como consegue dizer uma coisa dessas?

JOÃO:

Imagina que pena seria se a sua galeria decidisse parar de exhibir suas obras. Não se esqueça quem foi que mencionou o seu nome para o dono. Rogério é um velho amigo.

HELENA:

Você não teria coragem.

JOÃO:

Será que não?

Da EB, a voz de Lucia começa a crescer e se aproximar.

HELENA:

Conversamos sobre isso depois. No meu quarto.

CENA 8

Lucia, Mirella e Jazz entram pela EB, com Lucia tagarelando alguma coisa sobre a casa para a convidada.

LUCIA:

Ah, e você precisa conhecer nossa área externa, Jazz. Temos um belíssimo jardim, uma piscina gigantesca, campos que vão até onde a vista alcança...

JAZZ:

Sim, sim, Lucia. Não tenho dúvidas que seja muito bonita.

LUCIA:

Você gostaria de fazer um tour antes que escureça?

JAZZ:

Não é necessário, Lucia. Você parece muito agitada e preocupada com muitas coisas. Eu vou dar uma volta, fumar um cigarro, sabe como é o vício né, e posso aproveitar para conhecer um pouco do terreno ao redor.

LUCIA:

Claro, claro. Tem certeza que não quer que eu a acompanhe?

JAZZ:

Não se preocupe comigo, Lucia. Posso encontrar meu caminho sozinha.

HELENA:

Eu posso acompanhá-la. Estou precisando dar uma caminhada para clarear as ideias.

(deixa o copo de bebida em cima da mesa de canto a E do sofá, evitando olhar para João)

Tudo bem para você, Jazz?

JAZZ:

Claro, querida.

(para Helena)

Com licença.

Jazz e Helena saem pela DA.

MIRELA:

Sabe onde está Eduardo, João?

JOÃO:

Está com Henrique e Giuliana. Estão praticando tiro ao alvo.

Ouve-se som de tiros à DB.

JOÃO:

E pelo jeito já começaram sem mim.

LUCIA:

Você não vai participar, João?

JOÃO:

Vou sim, Lucia. Eu só preciso resolver algumas coisas antes. Acho que vou me trocar também antes de descer pra lá.

MIRELA:

Eu vou lá ver se precisam de alguma coisa.

Mirela sai pela DB.

LUCIA:

Não demore, querida, vou precisar da sua ajuda daqui a pouco. Ah, ela já foi.

JOÃO:

Se me der licença, Lu...

LUCIA:

Está tudo bem, querido? Você parece um pouco agitado.

JOÃO:

Agitado? Eu devo estar cansado, é só. Horas viajando com Giuliana falando na minha orelha, muito trabalho... Não é nada demais.

LUCIA:

Precisa de alguma coisa?

JOÃO:

Não, obrigado. Qualquer coisa eu te aviso.

João sai pela EB. Lucia o observa sair, curiosa. Ela anda de um lado para o outro, endireita as almofadas no sofá, a cadeira à D e a poltrona à E. Ela recolhe os copos na mesa de centro e na cabeceira do sofá e sai pela EA.

Ouve-se mais alguns sons de tiro à DB. Silêncio.

JOÃO (FORA DE CENA):

O que você está fazendo com isso? É melhor largar isso antes que alguém se machuque, ouviu bem?

Ouve-se o som de três tiros vindos da EB e um baque pesado no chão, como se alguém tivesse caído. Silêncio.

Giuliana entra um tempo depois pela DA e cruza até a EB, saindo de cena. Lucia entra pela EA, confusa, olhando de um lado para o outro. Henrique, Eduardo e Mirela entram pela DB.

HENRIQUE:

Aconteceu alguma coisa, meu bem?

Helena entra pela EA. Giuliana grita desesperada. Todos em cena se assustam e seguem para EB. Os personagens saem de cena e ouve-se uma cacofonia de falas alarmadas e desesperadas quando os personagens encontram o corpo de João.

Eles voltam para a sala principal. Helena envolve Giuliana, aos prantos, em um abraço, tentando acalmá-la. Giuliana segura um revólver nas mãos. As duas se sentam no sofá. Os outros personagens se reúnem ao redor de ambas, também tentando acalmar Giuliana.

CENA 9

Neste momento, Jazz retorna à sala pela DA e observa a cena com curiosidade e descaso. Ela nota a arma na mão de Giuliana e indigna-se.

JAZZ:

Mas é uma piada de muito mal gosto isso, tá? O que é isso? Teatro amador? Uma cena do crime encenada para mim, a convidada especial que, por acaso é detetive? Qualé, eu esperava algo mais original, mais engraçado talvez...

Henrique vai até a detetive, interrompendo suas reclamações e sussurra algo em seu ouvido.

JAZZ:

Qualé? Tu acha mesmo que eu vou acreditar numa história dessas?

HENRIQUE:

É... É verdade, detetive.

JAZZ:

Aham, certo, cadê o defunto então?
(descrente)

HENRIQUE:

Por ali.
(falando baixo, apontando para EB)

JAZZ:

Tá, vou pular nessa granada. Vamo lá conferir o presunto.

Jazz sai pela EB. Alguns segundos de silêncio e então...

JAZZ (FORA DE CENA):

Vocês só podem estar de brincadeira comigo!

Jazz volta para o palco, em silêncio e séria. Ela aparenta estar mais contida também, envergonhada de sua reação de minutos atrás.

JAZZ:

Claramente, eu cometi um equívoco. Peço perdão a todos pela minha reação anterior.
(calma e constrangida)

MIRELA:

Detetive, ele... Ele está mesmo...?

JAZZ:

Oh, sim, sim. Morto. Com toda certeza.

Giuliana soluça ao ouvir as palavras de Jazz. A detetive nota com mais clareza a arma em suas mãos.

JAZZ:

Senhorita, se puder...

No mesmo instante, Helena tira a arma das mãos de Giuliana, antes que Jazz consiga protestar.

JAZZ:

Não, não toque...

Helena, percebendo o que fizera, solta a arma num impulso. Eduardo a segura antes de cair no chão. Jazz solta uma exclamação assistindo a cena.

JAZZ:

Pelo amor de Deus, vocês estão complicando a situação.

EDUARDO:

Desculpa, eu não queria...

JAZZ:

Apenas largue a arma, rapaz. Deixe-a na mesa. Com calma.

Eduardo obedece, colocando-a na mesa ao C.

JAZZ:

Como se as coisas já não estivessem complicadas...
(irritada)

Precisamos controlar a situação antes que ela fuja do controle. Você, menina!
(para Mirela)

MIRELA:

Sim, senhora?

JAZZ:

Ligue para a polícia, diga que ocorreu um assassinato aqui. Peça que venham o mais rápido possível.

Mirela obedece. Pega o telefone na mesa de canto a E do sofá, vai até a adega e disca para a polícia. Jazz vai até a mesa ao C, tira um lenço do bolso e cuidadosamente envolve o revólver nele. Ela o guarda no bolso.

JAZZ:

Vou pedir para que todos permaneçam aqui até a polícia chegar, não toquem no corpo e fiquem longe da cena do crime.

HELENA:

Ele está no meu quarto, detetive. Minhas coisas estão lá.

JAZZ:

Infelizmente terão que ficar lá até a polícia chegar.

HELENA:

Mas tenho coisas lá que eu preciso pegar. Meu celular...

JAZZ:

Sinto muito, Helena. Nada lá pode ser movido ou tocado até tudo ser analisado.

HELENA:

Mas... São só as minhas coisas. Acha que eu vou fazer alguma coisa?

JAZZ:

Pouco importa o que eu acho no momento, querida.

LUCIA:

Você está dizendo que Helena é suspeita, Jazz?

JAZZ:

Oh, não. Não somente Helena. Todos aqui são suspeitos.

HENRIQUE:

O que?

JAZZ:

Houve um assassinato na sua propriedade, senhor Covas. Até todas as evidências serem analisadas, todos aqui são suspeitos até que se prove o contrário.

MIRELA:

Falei com a polícia. Eles vão levar algumas horas para chegar.

JAZZ:

Horas? Você explicou a urgência da situação?

MIRELA:

Sim, mas a cidade fica há uma hora de carro e parece que houve um acidente que obstruiu a estrada que leva até aqui.

JAZZ:

É claro, como se a situação não pudesse melhorar. Um assassinato em um lugar remoto e os suspeitos confinados em um mesmo lugar.

EDUARDO:

Pode ter sido alguém de fora que invadiu a casa e o matou.

JAZZ:

Isso é o que eu irei descobrir.

Jazz vai até a adega, serve um trago em um dos copos, bebe de uma só vez e volta para o C.

JAZZ:

Peço novamente que nenhum de vocês deixe a propriedade até segunda ordem. E, principalmente, mantenham-se longe da cena do crime.

GIULIANA:

João... Oh, João...

(ela tapa o rosto com as mãos e choraminga)

JAZZ:

Alguém poderia fazer a gentileza de acompanhar Giuliana até a cozinha. Um chá de camomila para acalmá-la, se possível.

HELENA:

Eu posso ir.

JAZZ:

Devo insistir que fique aqui, Helena.

HELENA:

Por quê?

GIULIANA:

Helena, por favor, detetive.

JAZZ:

(suspira)

Tudo bem. Poderia ir com elas, Mirela, por favor? Enquanto isso, Henrique, poderia me acompanhar até o quarto onde o corpo está? Você conhece mais a casa, poderá me ajudar a examinar a cena do crime com detalhes.

Mirela, Helena e Giuliana saem pela EA. Helena vai ao lado de Giuliana, ainda a envolvendo em um abraço.

HENRIQUE:

É claro, detetive. Ajudarei como precisar.

JAZZ:

Ótimo. Poderá me contar onde estava e o que estava fazendo enquanto estivermos por lá.

LUCIA:

Precisa de mim para alguma coisa, Jazz?

JAZZ:

Sim, preciso que fiquem aqui, vocês dois.

LUCIA:

M-Mas, e se Eduardo tentar alguma coisa?
(*olhando para Eduardo de canto de olho*)

JAZZ:

Bem, então ele nos ajudará a solucionar este crime mais rápido, não acha?

Lucia gagueja algumas palavras inteligíveis.

JAZZ:

Está decidido, então. Agora, se puder me acompanhar, senhor Covas. Tenho um crime a resolver! A última coisa que eu esperava fazer nas minhas férias: TRABALHAR!

Jazz e Henrique saem pela EB, deixando Eduardo e Lucia sozinhos na sala de estar.

ATO II

CENA 1

Lucia e Eduardo estão na sala de estar. Eduardo está sentado na cadeira a DC enquanto Lucia anda de um lado para o outro, visivelmente nervosa.

EDUARDO:

Por que não se senta, Lucia? Acho que você ficaria mais calma.

LUCIA:

Eu estou calma, calmissima. Nunca estive tão calma. Eu não pareço estar calma? Estou pensando, é só isso.

EDUARDO:

Eu tô com a cabeça a mil também. Quer dizer, nunca pensei que veria alguém morrer na minha frente, principalmente alguém que eu conhecia. Não deve ser fácil pra você... Digo, João era seu amigo e uma tragédia dessas acontecer na sua própria casa...

LUCIA:

Ah, sim, querido, terrível. Terrível mesmo.

(apática)

Mas estava pensando mesmo era no jantar. Será que é de bom tom jantarmos mesmo com tudo o que aconteceu? Quer dizer, fizemos tanta comida... Seria um desperdício se não comermos, sabe?

Mirela, Helena e Giuliana entram pela EA. Giuliana aparenta estar mais calma, embora ainda abalada. Ela traz consigo uma xícara. Helena continua ao seu lado. As três se sentam no sofá ao C.

LUCIA:

Giuliana, querida, como está? Mais calma, eu espero.

GIULIANA:

Eu vou ficar, Lucia. Vou ficar. É só... Difícil acreditar, sabe? João... Morto...

(recomeça a chorar)

HELENA:

Calma, Giu, calma. Vai ficar tudo bem. Eu estou aqui com você.

GIULIANA:

O que eu vou fazer, Helena? As crianças, a casa...

HELENA:

Nós vamos te ajudar com o que precisar, querida. Eu vou te ajudar com o que precisar.

GIULIANA:

Obrigado, Helena. Você é muito bondosa comigo.

LUCIA:

Quer comer alguma coisa, querida?

GIULIANA:

Não, Lucia, obrigada. Eu acho que preciso descansar um pouco, é só.

LUCIA:

Bem, os quartos estão interditados por causa do... Mas se quiser se deitar um pouco no quarto dos empregados, querida, eu posso te acompanhar até lá.

GIULIANA:

É muita gentileza sua, Lucia. Obrigada.

LUCIA:

Claro, querida, claro. Mirela, poderia acompanhar Giuliana até o quarto das empregadas, por favor.

MIRELA:

Mas...

LUCIA:

Depressa, garota, não vê que a coitada precisa de ajuda.

MIRELA:

Tá bem, estou indo.

LUCIA:

Por quê não ajuda elas, Eduardo? Tem alguns móveis lá que precisam ser movidos, você pode ajudá-las, não pode?

EDUARDO:

Eu queria conversar com Helena, na verdade.

LUCIA:

Bobagem, você vai ter tempo depois. Vai, vai.

Eduardo se levanta a contragosto e segue Mirela e Giuliana para EA. Helena também se levanta, mas Lucia a impede.

LUCIA:

Os colchões são mais finos que os dos quartos de hóspede, querida, espero que não se importe, ok? E o quarto não tem janelas, mas acho que não vai ser um problema...

(enquanto eles saem pela EA)

HELENA:

Você não consegue ter um pingão de decência, não é tia Lu?

(quando as duas estão a sós)

LUCIA:

O que foi que eu fiz, Helena? Estou tentando deixar a situação tranquila.

HELENA:

Tranquila? Como que alguém vai ficar tranquilo com algo assim? Você não precisa controlar tudo, sabia? É tão irritante. Chega a passar dos limites...

(se levantando do sofá e cruzando até o lado oposto de Lucia. Helena respira fundo)

Me desculpa, Lu, eu só... Estou um pouco abalada, é só isso.

LUCIA:

Acalme-se, querida.

(se aproximando de Helena, coloca uma mão em seu rosto)

Você não precisa ficar assim. Sabe que pode me contar tudo, não sabe?

(sugestiva)

HELENA:

Eu... Sei, claro.

LUCIA:

Tudo mesmo, querida.

HELENA:

Lu, tá tudo bem?

Neste mesmo instante, Jazz e Henrique retornam para a sala de estar.

JAZZ:

Ótimo, você está aqui Helena. Onde estão os outros?

LUCIA:

Foram levar Giuliana para o quatinho das empregadas para que ela pudesse descansar um pouco, Jazz.

JAZZ:

Entendo. Bem, posso vê-la depois. Enquanto isso, gostaria de ter uma palavrinha com você, Helena. A sós.

HELENA:

Claro. Tudo bem, detetive.

LUCIA:

É realmente necessário, Jazz? Helena está muito abalada, como pode ver. Todos nós estamos...

JAZZ:

Sim, Lucia. Você e seu marido podem aguardar na cozinha.

LUCIA:

M-Mas...

JAZZ:

Isso é tudo por enquanto.
(silenciando-a)

Jazz se vira para Henrique e o encara, aguardando uma reação. Lucia também o encara, atônita. Depois de um tempo, ele reage.

HENRIQUE:

Perdão. Querida, venha. Vamos deixar a detetive fazer seu trabalho em paz.

Henrique e Lucia saem pela EA. Jazz serve mais um trago em seu copo e se senta na poltrona a EC. Helena permanece de pé ao lado do sofá.

CENA 2

JAZZ:

Sente-se, querida.

HELENA:

Acho que prefiro ficar de pé.

JAZZ:

Eu prefiro que você se sente. Confie em mim, vai ser melhor pra você.

(Helena não obedece)

Tudo bem. Eu gostaria de conversar um pouco, se não for um problema pra você.

HELENA:

Me interrogar, você quer dizer, né?

JAZZ:

Uma conversa. Você não é obrigada a dizer nada.

HELENA:

Tudo bem.

JAZZ:

Ótimo.

(se acomoda na poltrona e bebe um gole de seu copo)

Eu tenho uma resposta para a pergunta que você me fez hoje mais cedo, quando nos conhecemos na rodoviária.

HELENA:

Oh. Sim, eu me lembro.

(surpresa)

JAZZ:

Você me perguntou se eu me considero uma artista. Modéstia à parte, eu diria que sim, com algumas ressalvas. Porém esta é uma particularidade minha. Já vi crimes considerados artísticos, muito imaginativos, mas a verdade é que a solução deles não precisava de um talento criativo.

HELENA:

E do que precisava?

JAZZ:

Uma paixão pela verdade.

HELENA:

"Uma paixão pela verdade." E ainda tem dúvida se é artista?

JAZZ:

Eu sei, muito dramática, né? Perdão, eu não consigo me segurar nessas horas.

HELENA:

Aposto que você é do tipo que adora fazer um discurso quando soluciona um crime, não? Principalmente quando é um crime complexo.

JAZZ:

Confesso que sim. Sou obrigada a admitir que é meu ponto fraco.

HELENA:

Um pouco brega, não acha?

JAZZ:

Toda “drama queen” ama uma breguice.

HELENA:

Tá aí seu lado artístico.

JAZZ:

Talvez.

HELENA:

Mas sua paixão pela verdade é mais forte?

JAZZ:

Sim.

HELENA:

E a verdade a satisfaria?

JAZZ:

O que quer dizer?

HELENA:

O conhecimento seria suficiente? Ou você faria algo a respeito se o possuísse?

JAZZ:

Está sugerindo que se eu soubesse a verdade sobre a morte de Dr. João, ficaria feliz em guardar este conhecimento para mim?

(Helena dá de ombros)

Você, por acaso, sabe a verdade sobre sua morte?

HELENA:

A resposta mais óbvia parece ser Giuliana, mas... Muito cínico, não acha?

JAZZ:

Você acha que não?

HELENA:

Prefiro sempre manter a mente aberta.

JAZZ:

E tem alguma coisa que você gostaria de me dizer, Helena?

(após um breve silêncio)

HELENA:

Apenas se for realmente necessário.

JAZZ:

Hm. Se está em dúvida sobre o caso que você tinha com o Dr. João, saiba que este fato será lidado com muita discrição, se relevante. Você não precisa se preocupar com os outros sabendo, se este é o seu medo.

HELENA:

É claro que você sabe.

JAZZ:

Um pouco óbvio, não?

HELENA:

Não pra todos. Não pra Giuliana.

JAZZ:

Talvez não. É com ela que se preocupa?

HELENA:

Sim. Me preocupo com Giuliana mais do que qualquer outra pessoa.

JAZZ:

É? Que ninguém se preocupe dessa maneira comigo...

HELENA:

Sei que parece hipócrita da minha parte. Se eu realmente me preocupasse com Giuliana nunca teria me tornado amante de seu marido. Mas não é bem assim. Eu nunca quis que ele terminasse com ela. Eu era apenas mais uma.

JAZZ:

Então ele tinha muitas amantes?

HELENA:

Não... Digo, sim, ele tinha outras amantes, mas ele não era esse tipo de homem. Isso não tinha muita importância para ele. Seu trabalho era o que mais importava. Mas você sabe como a mídia, a internet, funciona. São maldosos. Assim que souberem disso, não irão falar de outra coisa. Giuliana, seus filhos... Eles não merecem passar por isso.

JAZZ:

E é com Giuliana e seus filhos que você se preocupa? Não com a memória de um homem que não merece o respeito de ninguém, é isso?

HELENA:

Acho que você está sendo um pouco dura, detetive. João acabou de morrer.

JAZZ:

Uma tragédia, sem dúvida alguma. No entanto, não consigo sentir pena de um homem que tratava mulheres como algo descartável. E nem você deveria.

HELENA:

Acho que sou mais sensível que você.

JAZZ:

Você o amava?

HELENA:

Sim. Eu o amava.

JAZZ:

Entendo. Sinto muito pela sua perda, de verdade. Acho que Eduardo ficaria muito chateado se soubesse disso também.

HELENA:

Eduardo?

JAZZ:

Isso se ele já não desconfia que vocês tinham alguma coisa juntos.

HELENA:

Acha que pode ter sido Eduardo?

JAZZ:

Você não acha?

HELENA:

Bem, eu havia cogitado essa possibilidade, mas não sei se ele seria realmente capaz. Mas se você acredita nessa possibilidade, você deve estar mais certa que eu.

JAZZ:

Até obter todos os fatos, prefiro sempre manter a mente aberta.

HELENA:

Entendo.

JAZZ:

Você não gosta muito daqui, não é?

HELENA:

Eu odeio. Odeio o quão oca essa casa me faz sentir.

JAZZ:

"E o Eco, não importa o que se lhe pergunte, responde 'Morte'."
(seca o copo com um último gole)

HELENA:

Eco... É exatamente isso. O que todos nós aqui somos. Apenas Ecos. Não somos reais. Não como João era. Ele era realmente vivo.

JAZZ:

Sim, até eu devo admitir isso. Mesmo morto, ele tinha mais vida que todos aqui. Bem... Quase todos.

HELENA:

Isso é tudo, detetive?

JAZZ:

Gostaria de perguntar mais uma coisa a você, se não for um problema.

HELENA:

Tudo bem.

JAZZ:

Por que a senhorita se adiantou a tirar o revólver da mão de Giuliana antes que eu pudesse recolhê-lo?

HELENA:

Giuliana é um pouco desastrada, como deve ter percebido, Jazz.

(um pouco assustada)

Naquele momento de choque eu imaginei que, se a arma estivesse carregada ela poderia acabar machucando alguém.

JAZZ:

Mas foi você quem se distraiu e o deixou cair.

HELENA:

Bem, eu também estava em choque e me assustei quando você chamou minha atenção.

JAZZ:

Você sabe como isso acaba dificultando a investigação, não é mesmo?

HELENA:

Está sugerindo que fiz de propósito?

(com firmeza)

Que eu o matei e deixei o revólver para que Giuliana o pegasse, é isso? Se eu o tivesse feito, não acha que eu teria limpado as digitais antes? Achei que me tomasse por alguém mais inteligente, Jazz.

JAZZ:

Sem dúvida alguma, a senhorita é inteligente. Inteligente o bastante para perceber que, se tivesse feito isso e o revólver não tivesse outras impressões digitais exceto as de Giuliana, seria algo extraordinário, visto que este era um dos revólveres da coleção de Henrique. Dificilmente Giuliana teria limpado as digitais antes de usá-lo, afinal, por que o faria?

HELENA:

Então você acha que eu o matei?

JAZZ:

Ele estava no seu quarto.

HELENA:

E isso prova o quê?

JAZZ:

Quando saímos juntas para fumar, você me deixou caminhando sozinha depois de um tempo. Viu algo que a chamou a atenção, talvez?

HELENA:

Precisava ficar um tempo a sós, é só.

JAZZ:

Henrique me contou que quando vocês estavam diante de seu corpo, João disse seu nome antes de morrer.

HELENA:

Acha que ele estava me acusando? Depois de tudo que lhe contei?

JAZZ:

Não, não acredito que você seja capaz de um assassinato premeditado, mas poderia muito bem ter disparado aquele tiro em um momento de descontrole. E acredito que você tem imaginação e criatividade suficientes para encobrir seus rastros.

HELENA:

E eu pensava que você havia gostado de mim, detetive.

JAZZ:

Esse é o problema. Eu gosto.

CENA 3

JAZZ:

Isso é tudo por enquanto, querida.

(se levantando)

Se me der licença, preciso examinar o lado de fora da casa. Procurar por rastros, pegadas... Sabe como é, não? Vou aproveitar e ver como Giuliana está. Mas, se posso dizer algo para tranquilizá-la, saiba que irei manter a discrição quanto a sua relação com o doutor. Com licença.

Jazz sai pela EA, deixando Helena, agora sentada no sofá, completamente calada. Lucia entra alguns segundos depois pela EA.

LUCIA:

Helena, querida, como está?

HELENA:

Estou bem, Lu. Só um pouco... Você sabe.

LUCIA:

Sim, querida, essa é uma situação realmente desagradável. Acaba com todos os nossos planos de uma vez.

HELENA:

Meu Deus, tia! Uma pessoa morreu, um amigo, seu amigo, e você está pensando em como isso atrapalhou nossos planos para o fim de semana?

LUCIA:

É claro que estou chateada também, querida. Não sou um monstro como você acha que eu sou. Mas o que mais eu posso fazer?

HELENA:

Ter um pouco de decência? Lamentar? Respeitar o luto das outras pessoas. Não dói fingir ser humana de vez em quando.

LUCIA:

Oh, minha querida. Eu sei que não é fácil. João era... Um querido. Todos nós o adorávamos, mas...

HELENA:

Mas...?

LUCIA:

De todos os males, não é o pior que poderia ter acontecido, não acha?

HELENA:

Como?

LUCIA:

Ah, Helena, não se faça de tonta uma hora dessas. Sabe muito bem do que estou falando. João era um homem complicado. Bom, mas complicado. Temperamento forte. E levava uma vida que, bem, não era muito correta.

HELENA:

O que quer dizer com isso?

LUCIA:

Você sabe muito bem o que.

(acusatória)

Me perdoe, Helena, se pareço ansiosa ou que não estou sentindo nada, mas pelo menos se tenho algo para cuidar eu consigo ocupar a minha mente. E no momento, eu preciso cuidar de muitas coisas na minha casa!

HELENA:

Você e essa sua mania controladora, Lucia! Nem tudo na vida você pode controlar.

LUCIA:

Eu posso e vou, se depender de mim. Pare de ser estúpida por um momento, garota, e veja que eu estou tentando te ajudar!

HELENA:

Do que você está falando?

LUCIA:

Já disse que não é hora de se fazer de tonta, Helena.

HELENA:

Lucia... O que você sabe?

LUCIA:

Você tem sorte que Giuliana é muito lerda pra perceber o que vocês faziam pelas costas dela.

HELENA:

Como você...?

LUCIA:

Sei há algum tempo já. Não disse nada porque não quis me meter. Vocês são... eram adultos e sabiam muito bem o que faziam. Talvez seja um livramento que João não esteja mais entre nós.

HELENA:

Meu Deus, Lucia. Que horror!

LUCIA:

Mas não é tão simples. Isso pode complicar sua vida, seu trabalho. Pense o que um escândalo desses poderia fazer com você. Poderia ser o fim da sua carreira. Eu sei que você não quer ajuda, muito menos a minha, mas por uma vez na vida pare de ser orgulhosa e me deixe te ajudar!

HELENA:

Eu... Você acha que eu o matei?

LUCIA:

Não. Mas o que eu acho não importa. Isso não pode chegar até você, nada disso. Entendeu?

HELENA:

S-Sim.

LUCIA:

Quem mais sabe sobre vocês dois?

HELENA:

Jazz. Ela sabe.

LUCIA:

Mais alguém?

HELENA:

Não. Jazz disse que seria discreta e que isso não seria um problema.

LUCIA:

Ótimo. Vamos torcer para que se mantenha assim. O resto, deixe comigo. Vou cuidar para que nada se vire contra você.

HELENA:

O que vai fazer, Lucia?

LUCIA:

Apenas confie em mim, querida.

HELENA:

Lucia, você sabe quem matou João?

Antes que Lucia responda, Jazz e Henrique entram pela DA.

JAZZ:

Lucia, você está aqui. Ótimo. Antes de ir para a área de lazer, gostaria de falar com você, se não for um problema.

LUCIA:

É claro, J-detetive. Não há problema algum.

JAZZ:

Poderiam nos dar licença?
(para Helena e Henrique)

Helena e Henrique obedecem e saem pela EA. Lucia mantém o olhar em Helena, preocupada, até ela deixar a sala.

CENA 4

Jazz cruza até a poltrona a DC. Ao mesmo tempo, Lucia anda até o lado oposto, para a cadeira a EC.

JAZZ:

Você pode ficar de pé, se quiser.

LUCIA:

Eu sei.
(decidida, sentando-se na cadeira)

JAZZ:

Estava querendo falar com você, Lucia, e acho que agora é um bom momento.

LUCIA:

Posso saber o por quê?

JAZZ:

E não é óbvio?

(Lucia se demonstra confusa)

Se eu lembro bem, quando nos conhecemos, você me disse que se casou com seu marido ainda jovem, correto?

LUCIA:

Sim, é verdade.

JAZZ:

Uma família tão tradicional como a dele, tão abastada, imagino que você sofreu alguns preconceitos por parte de seus parentes, não?

LUCIA:

Sim, eles... Nem todos foram tão ruins, claro. Alguns foram cruéis, é verdade, principalmente quando conheceram a parte mais pobre da minha família no casamento... Mas outros ao menos tentavam esconder de mim.

JAZZ:

E mesmo assim você está aqui. Qualquer um que olhe para vocês dois jamais diria que seu marido é o chefe da família. O alicerce que sustenta essa casa tão tradicional.

LUCIA:

Bem, é muita gentileza da sua parte dizer isso, detetive.

JAZZ:

Eu mesma tive essa primeira impressão antes de conhecer vocês, sabia? Não demorou muito para que eu descobrisse a verdade, claro, mas isso é por conta da minha vida profissional e não culpa sua. E eu admiro muito esse seu lado, se me permite dizer.

LUCIA:

Obrigada. Nem todo mundo acha o mesmo.

JAZZ:

Porque elas não te conhecem. Não sabem quem você é. Uma batalhadora. Uma mulher forte, capaz de ofuscar qualquer um, até mesmo o próprio marido. Você lutou pelo o que queria. E conseguiu. E eu a respeito por isso.

LUCIA:

Obrigada, Jazz.

JAZZ:

Se quer saber a verdade, a verdadeira chefe desta família é você, Lucia. Você cuida desta família como ninguém. Aposto que não há nada que você não faria para protegê-la, não é verdade?
(*silêncio*)

LUCIA:

Eu amo minha família mais do que qualquer outra coisa, detetive.

JAZZ:

Obviamente.

LUCIA:

Se houvesse algo que eu pudesse fazer para protegê-los, eu com certeza os ajudaria.

JAZZ:

É claro.

LUCIA:

Porém não sei o que você está tentando insinuar aqui.

JAZZ:

Insinuar? Não! Estava apenas te dando a visão que eu tenho de você. E que bom que você concordou comigo.

LUCIA:

Nunca faria nada que fosse contra a lei.

JAZZ:

Nem passou pela minha cabeça. Você é alguém com integridade, honesta. Uma cidadã de bem.

LUCIA:

Com muito orgulho.

JAZZ:

Você jamais deixaria um bandido, um vagabundo, se safar de um crime. Se soubesse de alguma coisa, com certeza diria à polícia. Como uma cidadã exemplar.

LUCIA:

Claro. Óbvio.

JAZZ:

Até se o bandido fosse alguém de sua família, não é verdade?

LUCIA:

S-Sim. Com toda certeza.

(*depois de um momento de hesitação*)

JAZZ:

É claro, jamais duvidei da sua integridade. Tenho certeza que sim. Você jamais esconderia algo de mim, né?

(Lucia apenas acena, concordando)

Você sabe de alguma coisa, Lucia?

LUCIA:

Saber? E-Eu não sei se sei de alguma coisa exatamente...

JAZZ:

Momentos antes de João ser assassinado, o que você estava fazendo?

LUCIA:

Eu estava organizando as coisas. Na cozinha.

JAZZ:

A cozinha que tem acesso para a área de serviço e para a área externa da casa, certo?

LUCIA:

Sim, certo.

JAZZ:

Você não viu ou ouviu nada estranho por ali?

LUCIA:

Bom, eu com certeza ouvi o tiro. Na hora eu achei que fosse Henrique e Eduardo lá embaixo, mas confesso que me assustei um pouco e acabei me distraíndo.

JAZZ:

Entendo. Então você não viu nada de estranho por perto, certo?

LUCIA:

Eu não consigo me lembrar direito. Acho que não, detetive. Mas, me parece simples todo este caso, não? Giuliana estava com a arma, só pode ter sido ela.

JAZZ:

Sim, este caso me parece simples. Isso me preocupa. Simples demais até. Me deixa preocupada. Com medo de cometer algum erro bobo por acreditar que não era complexo.

LUCIA:

Por que complexo?

JAZZ:

Ah sim, veja, meu bem. A resposta parece óbvia, pois todos vimos Giuliana segurando uma arma. Contudo, surgiu uma questão inesperada quando examinava o quarto de Helena: Encontrei a cápsula da bala responsável pela morte do Dr. João e minha surpresa foi que não era do mesmo calibre que a arma que Giuliana segurava. Me parece muito que o assassino deixou o revólver lá na esperança de que alguém o pegasse. Muito mais fácil acusar alguém que está segurando uma arma, não acha?

LUCIA:

Ora, isso é estranho mesmo. Vai ver foi alguém de fora que invadiu a casa e acabou deixando pra trás uma arma e fugiu antes que alguém o notasse.

JAZZ:

Sim, eu pensei nesta possibilidade, mas logo a descartei. Notei que na parte de fora da casa havia alguns rastros que levavam da janela do quarto de Helena de volta para a casa. Os rastros estavam quase todos apagados e acho que não iremos conseguir distinguir o calçado da pessoa, mas com certeza o assassino não é alguém de fora. É alguém que está nesta casa.

(pausa)

É possível que o assassino tenha entrado pela porta de serviço da cozinha, Lucia?

LUCIA:

Eu provavelmente teria visto.

JAZZ:

Sim, verdade. Teria visto também se alguém tivesse dado a volta pela casa? Há janelas na cozinha, não?

LUCIA:

Sim. Acho que teria visto, sim. Mas, com todo respeito, detetive, não acha que mesmo assim pode ter sido algum invasor que acabou fugindo e seus rastros se perderam?

JAZZ:

Poderia, claro. Mas tem outro problema. A arma que encontramos com Giuliana é uma das armas da coleção de seu marido, como você deve saber. Acho pouco provável que um invasor se daria ao trabalho de furtar uma de suas armas e jogá-la na cena do crime. Ele teria que saber onde elas ficam, em primeiro lugar, e não acho que ficam expostas ao ar livre, correto?

LUCIA:

Bem, não, não ficam.

JAZZ:

A pessoa teria que saber onde encontrar a arma. Teria que ser alguém que estivesse aqui, não acha?

LUCIA:

É... Talvez...

JAZZ:

Pois eu tenho certeza.

LUCIA:

Bem, se o que diz é verdade, então o assassino além de estar entre nós, está armado também. Poderia matar alguém a qualquer momento.

JAZZ:

A não ser que ele tenha tentado se livrar da arma para que a polícia não a encontrasse com ele. Se, por acaso, eu encontrasse a arma, você saberia me dizer se ela faz parte ou não da coleção de seu marido?

LUCIA:

Com toda certeza. Mas imagino que vai ser difícil encontrá-la sozinha. Uma casa grande como essa e anoitecendo ainda...

Jazz tira uma pistola do bolso enrolada em um lenço. Delicadamente ela a coloca em cima da mesa de C. Lucia parece apreensiva.

JAZZ:

Por acaso esta arma é de Henrique, Lucia?

LUCIA:

Eu... Não tenho certeza.
(hesitante)

JAZZ:

Sabe se Henrique saberia me responder?

LUCIA:

Não sei. Talvez.

JAZZ:

Vamos conferir então, sim?
(Jazz vai até a EA)
Sr. Covas, poderia vir aqui um minuto?

Henrique entra pela EA.

HENRIQUE:

Sim, detetive, o que precisa?

Jazz vai até a mesa no C, pega a pistola pelo lenço e volta para o lado de Henrique.

JAZZ:

Por acaso esta pistola faz parte da sua coleção?

Henrique se surpreende e olha para Lucia de relance. Ele examina a arma com atenção.

HENRIQUE:

Não sei dizer ao certo, detetive. Talvez seja. É uma arma muito comum.

JAZZ:

Poderia nos acompanhar até sua coleção, Henrique? Podemos conferir se alguma delas está faltando.

HENRIQUE:

Sim, detetive, é claro.

(ele olha de Jazz para Lucia, confuso)

É por aqui.

(ele cruza até a DB, mas Jazz o para)

JAZZ:

Por acaso há algum caminho por aqui que leve até lá embaixo?

(aponta para DA)

HENRIQUE:

Sim, na verdade há sim.

JAZZ:

Podemos fazer este, então, se não se importar. Por que não nos acompanha, Lucia?

LUCIA:

Se você insiste.

JAZZ:

É claro. Assim podemos conversar um pouco mais no caminho até lá.

Jazz, Lucia e Henrique saem pela DA.

CENA 5

Giuliana entra pela EA, seguida por Mirela, que parece impaciente. Giuliana carrega uma bolsa consigo. Ela cruza até o sofá no C e se senta a D, deixando a bolsa na mesa de C. Mirela permanece de pé.

MIRELA:

Eu não aguento mais aqueles dois. Nem são um casal mas se comportam como um. Onde já se viu discutir a cada dois minutos?

GIULIANA:

Você gostaria que fosse com você, não gostaria Mirela?

MIRELA:

Eu? Não, claro que não.

GIULIANA:

Achei que você gostasse de Eduardo.

MIRELA:

Eu... Como sabe?

GIULIANA:

O jeito que você olha pra ele quando acha que ninguém está olhando. Era igual a mim quando olhava para João...

MIRELA:

Eu não... Além do mais ele não... Ele gosta de Helena. É apaixonado por ela desde sempre.

GIULIANA:

Sorte a sua que Helena não gosta dele. Não desse jeito, pelo menos.

MIRELA:

Tem certeza? Sempre achei que tinha alguma coisa entre os dois.

GIULIANA:

Acho que você pode ficar tranquila, Mirela.

MIRELA:

Ah, mas eu não vou segunda opção de ninguém também. Tenho que ter um pingão de amor próprio. Se ele não me quis antes, não vai me ter depois também quando eu ficar toda gostosa.

GIULIANA:

É bem a sua cara fazer alguma coisa assim.

MIRELA:

Ai, que falta de atenção com você, Giu. Eu falando umas besteiras dessas enquanto você tá passando por tudo isso.

GIULIANA:

Está tudo bem, querida. Vou ficar bem. Acho que vou fazer um chá.

Helena entra pela EA apressada e para ao ver Giuliana.

HELENA:

Giu, eu...

(percebe a presença de Mirela)

Precisava falar com você.

GIULIANA:

Eu estava indo fazer um chá.

MIRELA:

Eu posso fazer, Giu, não tem problema.

GIULIANA:

Oh, obrigada, Mirela. Você é muito atenciosa.

Mirela sorri e cruza para a EA. Antes de sair, Eduardo entra no palco pela EA. Os dois se olham, Eduardo parece que vai dizer algo a ela, mas Mirela ignora, ergue a cabeça e sai de cena pela EA. Eduardo fica parado, constrangido.

GIULIANA:

Acho que ela está chateada.

EDUARDO:

É, eu imaginei.

O telefone toca. Eduardo o atende.

EDUARDO:

Alô?

ALCEU:

Quem tá falando?

EDUARDO:

Eduardo, seu Alceu.

ALCEU:

Eduardo, a polícia tá aqui e disse que vai precisar subir aí. Tão falando que alguém morreu.

EDUARDO:

Ah, sim, seu Alceu. Pode deixar que eu tô indo aí conversar com eles.

ALCEU:

Peraí, alguém morreu mesmo aí?

EDUARDO:

Ah, sim, meio que aconteceu sim, seu Alceu.

ALCEU:

O que?! Quem morreu?

EDUARDO:

O... Dr. João, seu Alceu.

ALCEU:

Mentira! Menino, que coisa. E ninguém pensou em contar pra mim, não?

EDUARDO:

E-Eu acho que a gente esqueceu, só.

ALCEU:

Ora, mas isso é insalubridade, sô. E se alguma coisa tivesse acontecido comigo também?

EDUARDO:

É, desculpa, seu Alceu. A gente se esqueceu mesmo.

ALCEU:

É sempre assim, sempre esquecem do porteiro. Agora quando é pra acusar de alguma coisa ruim, todo mundo lembra de mim, né?

EDUARDO:

Desculpa, desculpa mesmo, seu Alceu. Eu já estou indo.

(põe o telefone no gancho)

A polícia chegou. Eu vou até lá embaixo explicar a situação.

(Helena e Giuliana apenas o encaram)

Com licença.

Eduardo sai pela DA. Helena vai até o sofá e se senta a E.

HELENA:

Giu, precisamos conversar e não temos muito tempo.

GIULIANA:

O que foi, querida?

HELENA:

O que você fez com o coldre?

GIULIANA:

Coldre?

HELENA:

Uma das armas de Henrique tinha um coldre feito de couro. Se a polícia encontrar...

GIULIANA:

Helena, querida, do que está falando?

HELENA:

Pelo amor de Deus, Giu, agora não é hora pra...

Mirela entra pela EA segurando uma bandeja com algumas xícaras de chá.

MIRELA:

Alguém quer chá?

GIULIANA:

Ah, obrigado, querida.

Mirela coloca a bandeja na mesa de C. Helena se levanta, alarmada e se vira para Mirela, antes que esta se sente.

HELENA:

Mirela, parece que a polícia chegou. Eduardo foi falar com os policiais e do jeito que ele saiu, parecia que ele tinha algo a falar sobre você.

MIRELA:

Sobre mim? O que ele poderia falar de mim pra polícia?

HELENA:

Não sei, mas ele deu a entender que tinha visto você agindo de maneira suspeita.

MIRELA:

Ah mas era só o que me faltava. Ai, como eu odeio esse tipinho dele. Não sabe ouvir um não, moleque mimado do cacete.

(indo para a DA)

Helena a acompanha até a saída. Discretamente, Giulia tira da bolsa um pequeno frasco e derrama o líquido em uma das xícaras na mesa. Ela guarda novamente o frasco antes que alguém veja.

HELENA:

Eu se fosse você ia correndo até lá antes que ele diga algum absurdo de você.

MIRELA:

Ah, mas eu vou.

Mirela sai pela DA, enfurecida. Helena se volta para Giuliana.

HELENA:

Isso deve nos dar algum tempo.

(cruzando até a E do sofá)

GIULIANA:

Você parece agitada, Helena. Está tudo bem?

HELENA:

Não temos tempo, Giu. Precisa me dizer o que você fez com o...

GIULIANA:

Calma, Helena, calma. Respira. Aqui,

(oferecendo a xícara)

beba um pouco.

Helena suspira, mas aceita a xícara. Ela leva a porcelana até os lábios...

CENA 6

JAZZ:

Ah, vocês duas estão aqui, perfeito.

(entrando em cena pela DB)

Helena interrompe o ato com a entrada da detetive e devolve a xícara para a mesa. Giuliana se mostra inquieta.

HELENA:

Detetive, o que você... A polícia chegou.

JAZZ:

Sim, eu vi. Henrique e Lucia estão lá com eles. Estarão aqui em um minuto.

HELENA:

Você não deveria estar lá também? Contando aos policiais como anda sua investigação?

JAZZ:

Ah, posso fazer isso depois. Já tenho tudo o que preciso de qualquer forma. Além do mais, todo o processo da polícia é muito burocrático. Vai levar um tempo até eles chegarem a mesma conclusão que eu, mas eu os ajudarei como puder. Isso é chá?

(vai até a mesa de C e pega a mesma xícara de Helena)

GIULIANA:

Quer dizer que você sabe quem matou João, detetive?

(impedindo-a de beber)

JAZZ:

Ah, sim. Sei faz algum tempo já.

(leva a xícara até perto do nariz ao mesmo tempo que brinca com ela entre os dedos)

Isso está frio.

(devolve a xícara para a mesa)

GIULIANA:

Bem, me diga detetive. Quem matou meu marido?

JAZZ:

Já viu o que um cachorro preso em uma armadilha faz com quem se aproxima dele? Ele arreganha os dentes e avança pra quem quer que seja, mesmo que seja alguém tentando ajudá-lo. Ele não sabe distinguir entre o que é ameaça e o que não é.

GIULIANA:

Eu não sei se entendi.

JAZZ:

Permita-me.

A iluminação muda. Jazz caminha de um lado para o outro entre a EB e a DB, em foco. As luzes que iluminavam a sala e as outras personagens diminuem, deixando todo o resto em uma penumbra.

JAZZ:

Desde o começo este caso como um todo tem me incomodado. E não estou levando nem em conta que o fato dele ter atrapalhado minhas férias. Isso eu já superei. Não, o que tem me incomodado é o que todos aqui tem constatado desde o início. Que não passa de um caso simples. As cartas estão todas na mesa desde o início mas, como cartas de tarot, seu significado é muito maior do que supomos. Simples, ao mesmo tempo complexo.

Jazz vai até o lado E e para, iluminada por um foco de luz. Os outros personagens entram em cena, mas não agem como eles mesmos, afinal, a cena que se segue é parte de um devaneio da detetive. Eles reproduzem a cena logo após a morte de João: todos ao redor de Giuliana no sofá, que segura o revólver.

JAZZ:

A cena fora arrumada. Desde o começo senti isso. Para quem? Eu, claro. Mas por quem? Admito que custei a descobrir a resposta. Parecia simples, mas a complexidade permeava todo o resto. Alguém desempenhava um papel. Em meio a tantas pessoas vazias, ocas de corpo e alma, o que me surpreendeu foi o fato de que o próprio morto tinha mais vida que qualquer um aqui. Mas isso me ajudou, pois aquele que não possui nada dentro de si, não conseguiria desempenhar o mesmo papel desde o início. E ela tentou, apesar de todo o esforço, de se esconder atrás de coxias e atitudes mansas, ela tentou desempenhar este papel até o fim. O impulso e as emoções, contudo, levaram a melhor.

Jazz cruza para a D, ao mesmo tempo os personagens vai para a frente da mesa no C e formam um semicírculo. João entra em cena e deita no chão, encenando sua cena de morte. Giuliana está ajoelhada ao seu lado, com o revólver na mão.

JAZZ:

Quais foram as últimas palavras do Dr. Infiel?

JOÃO:

He-Helena...

(fraco, até sua cabeça pender para trás)

JAZZ:

Uma acusação ou um pedido de ajuda? João poderia ser o canalha que fosse, mas ele amava a esposa. Talvez mais do que ele mesmo percebesse. Eis a razão da complexidade.

A cena atrás delas se desfaz, os personagens saem e apenas Giuliana e Helena ficam no sofá.

JAZZ:

Desde o início era contra a sua engenhosidade que eu lutava. Como eu havia dito mais cedo, não acredito que você seria capaz de cometer um assassinato premeditado. E agora, nem mesmo em um acesso de fúria. Mas estava certa ao dizer que você tem imaginação e criatividade suficientes para encobrir seus rastros. A questão é que não eram os seus rastros que estava encobrindo, não é mesmo, Helena?

Helena anda até um dos focos de luz.

HELENA:

Então, você sabe, não sabe?

JAZZ:

Sim.

HELENA:

Quando descobriu?

JAZZ:

Não sei ao certo, mas as peças foram se encaixando. A senhorita teve sorte que seus parentes estavam dispostos a ajudá-la, logo quando perceberam o que você estava tentando fazer. Especialmente Lucia.

Giuliana caminha para outro foco de luz, oposto ao de Helena. Jazz se posiciona entre as duas.

GIULIANA:

Eu... Não entendi, detetive.

JAZZ:

Chega um momento em que o teatro precisa acabar, Sra. Lopes. Este é o momento.

GIULIANA:

Teatro? O único teatro que estou vendo aqui é o seu. Falou, falou e não explicou nada.

JAZZ:

Hm, talvez a senhora realmente seja um pouco lerda.

GIULIANA:

Não tanto como acham que sou.

JAZZ:

Sem dúvida alguma. Foi muito bem pensada a cena que você arrumou para mim.

GIULIANA:

Eu?

JAZZ:

Ah, sim, faltou essa parte. Voltando à cena...

Os personagens retornam às suas posições ao redor do sofá, inclusive Helena e Giuliana, que volta a ficar com o revólver na mão.

JAZZ:

Pesar, tristeza, luto. O revólver na mão. Os olhares se voltariam imediatamente para quem carregava a arma. Tudo muito bem encenado. Fácil de acusar. Simples. Mas não durou muito tempo. Você foi esperta, esperta o suficiente para saber que não levaria muito tempo para concluirmos que a arma que segurava não era responsável pelo tiro que matou seu marido. Logo, as acusações contra você não teriam mais fundamentos. Você segurava uma arma, mas não a arma do crime. Era preciso encontrar a outra. E, honestamente, não demorou muito.

(ela mostra a pistola)

Não estava muito escondida, mas nem a intenção, não é verdade? Você queria que ela fosse encontrada.

HELENA:

Onde estava?

(surpresa, indo mais uma vez para um dos focos de luz)

JAZZ:

Na sua mala, Helena.

HELENA:

O que?

JAZZ:

A intenção era incriminá-la, é claro, visto que ela sabia de seu caso com o Dr. Lopes.

Jazz faz um gesto com a mão e os personagens saem de cena novamente, como se estivesse dispersando um pensamento.

JAZZ:

Um cachorro preso em uma armadilha não sabe distinguir entre quem quer ajudá-lo e quem quer machucá-lo. Você sabia desde o começo que Giuliana havia matado o próprio marido. Você sabia porque você a viu saindo pela janela de seu quarto, quando nos separamos em nossa caminhada mais cedo. Você sabia e tentou protegê-la porque este foi o último pedido de João, não foi?

(Helena abaixa a cabeça, envergonhada, confirmando as afirmações da detetive)

Uma simples palavra... Bastou dizer seu nome e você entendeu o que ele queria de você. Talvez você realmente o entendesse, Helena.

Helena cai sentada na poltrona a E. As luzes voltam ao normal. Giuliana parece incrédula, nervosa, andando de um lado para o outro do sofá.

GIULIANA:

Isso não pode... João... Eu o amava. Você não pode achar mesmo que eu...

(eufórica, ela parece hiperventilar)

JAZZ:

Acalme-se, Sra. Lopes. Acabou agora. Sente-se, respire.

Giuliana se senta do lado E do sofá e, desatenta, pega a xícara de Helena e bebe um pouco do chá.

GIULIANA:

Eu... Eu não... Estou me sentindo bem...

Giuliana percebe o que fez. Sua respiração começa a falhar. Jazz e Helena vão até ela, mas é tarde demais. Ela desliza pelo sofá, morta.

HELENA:

Meu Deus. Ela... Não pode ser!

JAZZ:

Sinto muito, Helena.

(checando seu pulso)

Está morta.

Helena volta a se sentar a poltrona, horrorizada. Jazz vai até a bolsa de Giuliana, ao pé do sofá. De dentro dela, ela retira um coldre de couro.

JAZZ:

Ah, sim, a peça que faltava.

(colocando o coldre sobre a mesa de C)

HELENA:

Eu não entendo.

JAZZ:

Acho que isso aqui te traga algum esclarecimento.

(Jazz tira da bolsa um pequeno frasco)

HELENA:

Veneno? Ela... Ela se matou?

JAZZ:

Oh, não. Era a sua xícara.

HELENA:

O que? Mas, eu estava tentando ajudá-la.

JAZZ:

Não tinha importância para ela.

HELENA:

Um cachorro numa armadilha.

JAZZ:

Exatamente.

(olha para o corpo de Giuliana)

Talvez seja melhor assim. Indolor, rápida.

HELENA:

Pobre Giuliana. Ela amava João, mas não queria amá-lo pelo o que ele era. Ela construiu um pedestal para ele, mas quando cai um ídolo, não resta nada.

JAZZ:

No fim, talvez tenha sido melhor assim. A morte do marido foi demais para ela. Ela não mediu as consequências de suas próprias ações, afinal. Irão constar que ela tirou sua própria vida em consequência da insanidade.

HELENA:

E quanto a sua busca pela verdade, detetive?

JAZZ:

Algumas verdades são mais duras do que outras. No final, o caso foi resolvido e as pessoas que precisavam saber a verdade agora sabem. E quando seus filhos crescerem, se quiserem, irão descobrir a verdade também.

HELENA:

Um pouco duro, não acha? Eles não precisam saber o que a própria mãe fez com o pai.

JAZZ:

Acho que você não entende. Para você, é insuportável ferir alguém. Mas, para algumas mentes, mais insuportável ainda é não saber. A verdade, por mais amarga que seja, pode ser aceita e tecida num padrão de vida.

Helena se levanta da poltrona e caminha para a DA, mas hesita em sair. Ela se vira para a detetive.

HELENA:

Você prefere que eu fique aqui ou que eu vá?

JAZZ:

É melhor que vá.

(também se levantando)

HELENA:

Não sei aonde ir... O que vou fazer agora que João se foi?

JAZZ:

Está falando como Giuliana. Você saberá para onde deve ir e o que deverá fazer.

HELENA:

Será? Estou tão cansada, Jazz.

Jazz vai até Helena e encosta carinhosamente em seu ombro.

JAZZ:

Vá, Helena. Seu lugar é com os vivos. Eu fico aqui com os mortos.

Helena sai pela DA. Jazz se volta para Giuliana, morta no sofá.

As cortinas se fecham.

FIM.